

Couchsurfing

A experiência
do encontro



RENAN SIMÃO

Couchsurfing

A experiência
do encontro

RENAN SIMÃO

Para mãe, pai, Tãh e Mistar.

Agradeço a Juli, Fabricio, Ricardo Thaler, Ricardo Medina, Isabel, Sueli, Andy, Carolin, Bebeto, Mitie, Agnaldo, Tiago, Zoe, Rakky, Joel, Roberta, Jorge, Sabrina e Priscila por me contarem suas histórias que quase foram escritas sozinhas.

Begin anywhere.

John Cage

Don't let it bring you down

It's only castles burning,

Just find someone who's turning

And you will come around.

“Don't Let It Bring You Down” - Neil Young

O Couchsurfing é uma comunidade em que pessoas dão suas chaves de casa para recém-conhecidos, oferecem comida, saem pela cidade procurando casas com piscinas e pulam nelas, peladas. São pessoas que não fazem sexo, mas luz; gente que vai até a Patagônia de bicicleta; gente que morou numa embaixada informal da Bolívia; gente que vomita na calçada da rua Augusta; gente que vem ao Brasil a trabalho e fica; gente que vê a casa vazia e decide não se entregar à solidão.

Em suas viagens, essas pessoas encontraram comunidades clandestinas de Couchsurfing; italianos atrevidos; biólogas chilenas bêbadas; americanos sujos da Filadélfia; milionários generosos das Ilhas Maurício ou de Kuala Lumpur; alemãs hospedadas em favelas cariocas ou mesmo uma bávara que quer ir a Bonito, Mato Grosso do Sul, de bicicleta.

Suas histórias contam experiências de encontros ou desencontros. São relatos de generosidade, empatia, dar “onda”. De gente que passa e não se vê; gente mais preocupada com o que significa o tempo do que com as obrigações que ele traz.

Por meio das histórias, alguns personagens desconhecidos ganham vida, aqueles que só existiriam na oralidade de narrativas pessoais. Mesmo não sabendo quem são ou como são, eles vivem. Pablo, do Cantagalo; Ana do Porto; os botucatuenses e os salvadores na estrada; Mário, de Buenos Aires; Marta, a polonesa que faz um pai chorar; Javaad, do Teerã; franceses que pegam o metrô lotado da Penha; o argentino folgado; o húngaro sem educação; a catalã escutando música porto-riquenha no Rio de Janeiro que fala do mundo inteiro; o humor britânico de

Steve e o crime de Eduardo. Todos esses personagens não foram entrevistadas, mas eles sobrevivem em função de suas próprias histórias, essas contadas por causa interlocução dos membros da comunidade Couchsurfing da cidade de São Paulo. Sobretudo, essas pessoas perpassam o tempo e à sua capacidade de superação contínua de acontecimentos cotidianos; elas compõem a essência desse livro.

A intenção desse livro é que personalidades e opiniões transpareçam e formem, quando relacionadas, uma realidade tal que possa ser chamada de comunidade de Couchsurfing da cidade de São Paulo. Que não é a única realidade, como sabemos, pois há milhares de histórias não contadas dentro da comunidade. No entanto, observando cada história e cada experiência do encontro, o leitor há de encontrar algo da essência do que é participar da comunidade do site em questão.

Todos os personagens foram entrevistados pessoalmente na cidade de São Paulo, com uma exceção: Carolin Zobel, a personagem que aparece nas primeiras linhas deste livro foi entrevistada em Bauru, cidade do meio-oeste paulista. Ela não é de São Paulo, não faz parte da comunidade de São Paulo e não gosta de São Paulo. No entanto, ela foi o estímulo para a ideia deste livro se concretizar. A “convivência intensa e comprimida” que ela me transmitiu foi o ponto de partida para as observações, abordagens e cuidados com as descrições de meus futuros personagens. Por isso ela está neste livro.

Outro detalhe. Por fazerem uso da língua inglesa nos perfis do Couchsurfing, todas as informações relacionadas às páginas virtuais dos membros da rede foram traduzidas, de forma livre, para o português. Os escritos originais podem ser encontrados na própria rede.

Este livro contém histórias originárias de 19 entrevistas. Todas elas buscando investigar como esses membros do site Couchsurfing.org utilizam essa rede e como se dão suas re-

lações pessoais. Quase etnográfico, mas sem tal pretensão, o livro mira o relato jornalístico de histórias desses membros que, em determinados momentos, podem explicar e exemplificar questões como relações sexuais, amizade, generosidade, confiança, loucura, questões de gênero, preconceitos, dinheiro, entre outras.

Nos meandros do livro, há uma breve história do site Couchsurfing e como se dá seu funcionamento. Por ser breve, a pesquisa serve apenas de base para uma contextualização do tema Couchsurfing no mundo e dentro de sua comunidade que transparecem nas falas das personagens. Não há intenção de investigação do tema em universo macro, mas micro. O trato deste livro refere-se a pessoas do grupo Couchsurfing da cidade de São Paulo e suas relações pessoais, individuais e únicas com o sistema de hospitalidade da comunidade. Espera-se que formem um panorama tal que as possa relacionar com temas mais abrangentes da comunidade ou de questões que possam gerar uma identificação com o leitor.

CAROLIN ZOBEL, A BÁVARA DE BICICLETA

Quando Carolin Zobel desceu da bicicleta na praça da Paz, Bauru, interior de São Paulo, eu só conseguia pensar em: “o que uma alemã veio fazer aqui em Bauru, e de bicicleta?”.

O contato foi feito via Couchsurfing. Quatro trocas de mensagens que continham informações sobre telefones, o endereço da casa e, de minha parte, a intenção de não assustá-la em dormir em uma república de oito rapazes e se sentir segura.

Quem é essa pessoa? Será que ela é hippie? Será que ela toma banho? De bicicleta?

A primeira impressão foi a de que ela era mesmo uma alemã. Cabelos loiros e curtos à altura dos ombros, olhos azuis, boca grande e uma pele queimada de sol que denunciavam as oito horas em que estava pedalando desde Botucatu.

“Carolin?”, disse eu.

“Oi Renan!”, respondeu ela me dando um abraço forte inesperado, daqueles em que os braços te envolvem e te pu-

xam para peito da pessoa.

Depois ela iria me avisar que a pronúncia de seu nome era “Carrrolin” com o “erre” forte. No fim das contas, era “Carrol” mesmo. Ela entendia a forma aportuguesada, mas, sempre quando conhecia alguém novo, advertia a diferença de pronúncias.

Subindo a ladeira até a casa comigo e Lipe, meu amigo e morador da casa, pudemos perceber as coxas fortes dela e o motivo de elas serem tonificadas.

“Como é pesado isso aqui!”, Lipe e eu dizíamos espantados ao brincar com a bicicleta e ela ria dos deslumbrados brasileiros magrelos. A bicicleta pesava uns 20 kg, dizia Carolin.

Seu espanhol era fluente (havia morado um ano e meio em Málaga, Espanha, e seis meses na Guatemala) e o português era melhor do que o de um portunhol de um brasileiro. Ela começou suas férias pelo Rio de Janeiro onde ficou por um mês e meio e já ostentava levemente um sotaque carioca puxando o “s” no final das palavras.

Até me perguntou se aqui tinha sacolé.

“Sacolé? Hum... Caramba...”, resmunguei para mim mesmo. Alguns minutos de aflição e lembrei-me do suco congelado no saquinho famoso no Rio, em São Paulo e sabe-se lá mais onde.

“Ah, aqui é geladinho ou chup-chup!”, disse tentando devolver a autoridade cultural para o meu lado.

A estada deveria durar três dias, mas foram quatro, pois uma equipe de reportagem da TV local queria entrevistá-la e a atrasou. Ela aceitou, mas não escondeu descontentamento com a escapada do cronograma.

“Mas você está de férias!”, disse eu.

“Não posso. Quero chegar a Bonito.”, afirmava ela.

Ela queria ir a Bonito, Mato Grosso do Sul. Queria ver as águas subterrâneas, grutas, cachoeiras e tudo mais aquilo que

todo brasileiro sabe que existe, mas poucos se lembram de visitar.

Como anfitrião, ofereci meu quarto. Camas separadas. Ela não ligou. Mas na primeira noite, ficou na sala até eu ir dormir para depois deitar-se. Não me incomodei com a situação. Imaginei que só de estar ali numa casa com oito caras, num outro país, numa cidade desconhecida, todo cuidado realmente é pouco. Mas foi somente por precaução.

Não me dispus muito além de ir ao supermercado com ela e ajudá-la a cozinhar um sopão cremoso de abóbora e curry, típico prato alemão. A iguaria foi prestigiada, mas nem tanto apreciada pelos oito moradores da casa: tinha muito gengibre.

A passagem de Carolin por Bauru, ela me contaria depois, era um ponto de parada. Ela queria usar a conexão da internet, pois estava fazendo um curso online de Relações Internacionais durante a viagem. Além do curso, comunicava-se por e-mail com uma diretora do National Immigration Protection de Chicago, uma instituição de proteção a imigrantes ilegais dos EUA que Carolin já havia conhecido há um ano e se apaixonado. Ela era formada em Relações Internacionais, Justiça Social e Trabalho Social e queria atuar na área de imigração ilegal.

“São pessoas que não têm nada. Deixam o país, arriscam a vida apenas para trabalhar. Você sabe o que é nunca mais ver a sua família? Ir embora e saber que nunca vai voltar?” disse.

Sua indignação era cheia de seriedade e ternura, tal qual sua obstinação a chegar a Bonito, Mato Grosso do Sul.

Foi essa energia caprichosa da qual recebi de Carolin que me levou a escrever sobre a comunidade Couchsurfing.

JULI, FABRICIO, SABRINA, PRISCILLA E A URUGUAIA FOLGADA

Saí da Estação República do metrô e subi a rua Augusta em direção à praça Roosevelt, bairro da Consolação. Era uma sexta-feira, 22h, uma noite quente. Errei algumas ruas até encontrar um velho apartamento contíguo à praça. O número conferia.

“Boa noite. Vim falar com a Juliene”, disse ao porteiro.

Entrei no elevador que levou a um corredor escuro. Nesse corredor escuro percebi que estava prestes a entrar na vida de uma pessoa, a entrar num breu de conexões desatadas em busca de nós identitários: em busca de alguém novo. Foi inevitável a lembrança do trecho da canção “Don’t Let It Bring You Down” de Neil Young que dizia: “conheça alguém novo e você vai mudar também”. Bati à porta.

“Oi Renan!”, falou Juliene e me deu um abraço forte inesperado, daqueles em que os braços te envolvem e te puxam para o peito da pessoa.

A sala, também com as luzes apagadas, não impedia Juli

(como prefere ser chamada) de ser encantadora nos primeiros vinte e poucos minutos de conversa. Ofereceu-me um copo d'água. Contou que é jornalista formada e que seu projeto final de curso foi um livro-reportagem sobre o Marco Zero da cidade de São Paulo. Depois contou de Marta, uma polonesa que pegava carona de caminhão sozinha desde a Argentina e era especial. Expliquei algo sobre o meu livro ajeitando mala e mochila na sala do apartamento. Ficaria para o fim de semana. A intenção era conhecê-la devido à sua participação na comunidade Couchsurfing e pela oportunidade de saber da visão de uma mulher com relação às condutas a serem tomadas em viagens e hospedagens na rede.

“Juli, você mora sozinha?”, arrisquei observando que havia apenas um quarto no apartamento.

“Não, eu moro com o Fabrício. Meu namorado. Ele já está chegando, você vai gostar dele”, disse meio que como “você não sabia disso?”. Não percebi esse pequeno detalhe em seu perfil do CS.

Juli Codognotto tem 26 anos, trabalha como produtora cultural no Centro Cultural São Paulo, é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (falando exatamente assim) e agora faz curso de Licenciatura em Artes Cênicas com ênfase em Educação. Ela está no Couchsurfing desde 2008.

Enquanto arrumava minhas coisas, Juli contava que naquela noite duas amigas encontrariam ela e seu namorado Fabrício numa pizzaria em frente ao prédio e me convidou. Eram quase 22h30 e em vez de esperar na pizzaria, Juli perguntou se eu gostaria de dar uma volta na praça. Respondi que sim. Queria ver a revitalizada praça Roosevelt. Antigo centro de boemia e de ebulição da cena teatral paulistana, a Roosevelt hoje, alvo de milhões de reais de investimento público e não mais abandonada, era lugar de skatistas, velhos passeando, ra-

ppers, crianças correndo, jovens bebendo e eu e Juli andando por ali. Para mim, aquele passeiozinho de pouco mais de quinze minutos já me ajudava a ver uma São Paulo que não conhecia: esse microcosmo de gente diferente compartilhando um espaço público numa sexta à noite e sem a pressa que sempre via nos metrô e avenidas da cidade.

DON'T LET IT BRING YOU DOWN IT'S ONLY CASTLES BURNING, JUST FIND SOMEONE WHO'S TURNING AND YOU WILL COME AROUND. NEIL YOUNG

Encontramos Sabrina e Priscila e fomos à pizzaria que realmente ficava justo em frente da entrada do prédio de Juli e Fabrício. Enquanto esperávamos Fabrício chegar da faculdade, fiquei sabendo que Sabrina também é jornalista e administra um blog no site *Época São Paulo* chamado “Na Bike”. Priscila, morena de cabelos castanho escuros, é proprietária da empresa Alforjaria, uma confecção de alforjes, bolsas personalizadas para bicicletas.

Por indicação das moças da mesa, eu já cobiçava a pizza de abobrinha, a favorita de meus hosts (anfitriões). Fabrício chegou morrendo de fome e mandamos descer as massas recheadas. Ouvindo mais do que participando das conversas, percebi que estava em frente a quatro amantes do transporte por bicicletas. Nenhum deles tinha carro.

Sabrina milita sobre o assunto no jornalismo com seu blog, mas só anda de bike na cidade, nada de viagens. Ao contrário de Priscila, que conta que já desceu a rodovia dos Imigrantes e já foi à cidade de São Roque com uma turma pedalando. Juli e Fabrício vão além. A viagem de suas vidas foi atravessando Argentina, Chile e Bolívia, tudo de bicicleta. E para engrossar ainda mais o caldo da conversa, os quatro estão na comunidade Couchsurfing.

Sabrina, a jornalista de cabelos curtos raspados nas laterais pronuncia todas as palavras com calma e acentuado sotaque

paulistano. Ela conta que já teve boas experiências no CS, mas recorda da pior. “Ah, uma uruguaia folgada. Veio pra casa como recomendação de um amigo do CS. Ela não ia embora, não lavava um copo de leite e gastou R\$ 270 de telefone em uma semana. E o pior: ela comeu o meu doce de leite!”, exclamou, obtendo risos na mesa.

Um parêntese: por Facebook, tentei contato com Ana Laura Sosa Iriarte, a dita uruguaia. Ela enviou um pequeno relato de sua passagem por São Paulo. A moça de 26 anos diz-se estudante de psicologia e artesã. Vive em Punta del Este. Conta:

“ Desde Chuí a São Paulo... Assim me aconteceu... Pedal depois de pedal, imagens, paisagens, pessoas, aromas ficaram gravados na minha mente. É assim que cheguei ao Estado de São Paulo... Foi tão chocante a realidade que com um amigo que estava pedalando decidimos voltar a Florianópolis. E assim que voltamos e depois de vários dias de descanso decidi seguir viagem novamente e conhecer a segunda maior cidade do mundo. Desta vez sozinha, mas pedalar se fazia difícil. Mas para entrar de bicicleta em uma cidade tão grande era difícil e me dava medo, porque já havia sido atropelada com a bici, é por isso que pedi ajuda por Couchsurfing e por Warmshower [rede hospitalidade para ciclistas]... E muita gente se ofereceu a me ajudar...

Em São Paulo, estive 10 dias aproximadamente. Metade na casa de Priscila e metade na casa de Felipe. Ambas excelentes pessoas. Em São Paulo conheci lindas pessoas, mas não uma linda cidade, a cidade me esgotou, barulhos, gente, estímulos... Muito difícil de pedalar. Não consegui escutar o silêncio, me senti presa entre edifícios, foi tão forte o impacto que decidi voltar ao Uruguai. Iguamente foram dias de total aprendizagem e de encontros interessantes e de muito movimento interno.

As pizzas foram devidamente devoradas e subimos para conversar no apartamento de Juli e Fabricio. Já passava de

meia-noite, acabava de conhecê-los. O que não sabia era que eles já haviam combinado esta reunião há tempos. Acontece que, quando Juli e Fabricio viajaram para a Argentina, Sabrina cuidou da casa e do gato do casal, Paco, na ausência dos donos. Fabricio até tinha guardado um vinho chileno comprado em sua viagem, daqueles de safra não tão cara segundo ele, mas que valem ser guardados para uma ocasião dessas. Claro, ofereceu-me e não pude fazer desfeita. A reunião também marcava o início de uma data que todos ficariam sabendo ali na hora: era naquele dia que Sabrina e Priscila iniciavam namoro. Sabrina contou que carpia o quintal de Priscila durante a declaração. Pensei: declarar seu amor a alguém já é difícil, mas fazê-lo carpindo mato é que são elas.

Infelizmente, o vinho fez o sono bater em mim. Os convidados perceberam as pálpebras pesando e se despediram dos anfitriões. Uma pena. Sabia que não veria Sabrina e Priscila tão cedo. Ajeitei-me no sofá-cama da sala com limpos lençóis brancos e cobertores grossos e marrons. Desejei boa noite a Juli e Fabrício. Os conheceria melhor no dia seguinte.

COOKSOMETHING

O evento chamado Cooksomething foi organizado como mais uma forma de integração do grupo de Couchsurfing da cidade de São Paulo. Por meio da rede social Facebook, os interessados deveriam confirmar presença, escolher o prato a ser preparado e, aí sim, receber informações com endereço e contatos do anfitrião do evento. Cada um traria uma comida ou bebida e todos poderiam consumir o que quisessem.

Qualquer um poderia se inscrever na reunião, não era necessário ser veterano de CS ou frequentador dos meetings semanais. Era só dar o nome e chegar. Haveria cerca de 60 pessoas no salão de festas de um condomínio na região do bairro Santa Cruz em um sábado à tarde.

Diferentemente dos meetings, as reuniões de fins de semana e com número reduzido de pessoas tem conotação mais pessoal. Trocando em miúdos, ali era lugar para conhecer

gente sem se embriagar. Um programa tranquilo.

Os hosts do Cooksomething da vez eram Luiz e Luzia Cavalcante: um casal sexagenário que comparece e auxilia na organização dos eventos do grupo de CS de São Paulo há quase um ano. O perfil de Luiz, que também vale para o de Luzia, contém informações respondidas por cada um. Na seção de livros, música e filmes, por exemplo, a resposta é assim:



Luiz: Filmes - Basicamente todos os Spielbergs.
Music - Rock Clássico, Pop and MPB.
Leituras - basicamente técnicas.

Luzia: Eu amo ler histórias românticas, e aventuras também, todo tipo de música, menos pagode... Um tipo específico de samba. Eu gosto de arte, fotos, pinturas, dança...

Eu não tinha muito a oferecer como leque gastronômico a não ser sucos. E, para minha sorte, há uma frutaria bem em frente ao prédio de Luiz e Luzia. Comprei laranja, manga, morango e maracujá. Felizmente, mais ao final, as variações de sucos entre as frutas foram aprovadas por uma boa parte dos presentes. Pensei em levar algo alcoólico para criar drinks, mas o perfil do encontro, teoricamente, não permitia tal liberdade. Teoricamente.

Sem bater à porta, Luiz percebeu minha movimentação ao redor da entrada e abriu a porta de vidro. Sem dizer mais do que um cortês “pode entrar” ditos duas vezes depois de um “olá, tudo bem?” e um “trouxe suco!”, Luiz me recebeu.

O saguão era grande. Sofás cor de salmão, vidros marrons e duas minicozinhas: uma no salão e outra, ao fundo, junto à churrasqueira. A geladeira moderna já estava cheia de guarnições e cervejas. No início, havia cerca de 20 pessoas, todas educadas, apresentando-se e falando sobre o prato que trou-

xeram para a tarde. Quase todas elas tinham seus 30, 40, 50 anos de idade. Parecia uma reunião de família, mas ao invés dos parentes estavam pessoas desconhecidas entre si.

Talvez por proximidade de idade, comecei minha incursão social conversando com duas jovens garotas, exceções da tarde: Zoe e Raqueline. A primeira, já experiente em relação ao Couchsurfing, já havia viajado com o sistema pela Europa; a segunda, uma novata na rede, tendo ido a apenas um meeting e comparecendo ao Cooksomething como sua segunda vez em eventos do grupo CS de São Paulo.

Zoe Barossi é americana de Los Angeles, Califórnia, mas mudou-se para São Paulo com quatro anos de idade e já domina o característico sotaque paulistano. Seu nome origina-se de Zoe, a personagem do curta-metragem *A Life Without Zoe*, dirigido por Francis Ford Coppola, e da série *New York Stories*. “Minha mãe gostou muito dela, só isso”, contou.

A Zoe paulistana cursa psicologia na PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e disse frequentar as atividades do grupo, mas parecia pouco à vontade nas conversas. Ela já viajou com os pais pela África e manteve um relacionamento estável com um namorado da Finlândia por mais de um ano com idas e vindas de parte a parte. Seu modo de se vestir e o rosto maquiado, juntamente com histórias de viagens de além-mar mostravam que Zoe vinha de família abastada. E em algumas dessas histórias que me contou o Couchsurfing mostrava-se como opção de hospedagem.

Durante viagem pelo continente africano, a família Barossi (Zoe, mãe, padastro e irmão) foram até as Ilhas Maurício, arquipélago situado no oceano Índico a 800 km da Ilha de Madagascar. Por lá, a família de Zoe entrou em contato com um host e recebeu resposta positiva na couch request. A surpresa foi que o dono da casa não pôde recebê-los, mas mesmo assim deixou a chave da casa, um carro disponível com tanque

cheio e cervejas na geladeira. Ao longo da passagem pelas Ilhas Maurício, a família Barossi só falou com o rico dono mauriciano quando o alarme da casa foi acidentalmente acionado e o homem telefonou aos brasileiros para saber o que estava acontecendo. “Uma experiência incrível, meu!”, exclamava Zoe.

Outra experiência no Couchsurfing lembrada por ela foi em Helsinque, Suécia, quando ela confundiu horários com a host que a havia aceitado em casa e esperou num bar escolhido como ponto de encontro para as duas. Depois do atraso da host, chega uma mensagem a uma da manhã: “Sai do bar e olha para cima que eu vou jogar a chave”. Dito e feito. A garota que hospedaria Zoe vivia em cima do bar indicado e, conforme o relato da viajante, “a menina estava com um roupão bufante branco lindo, me oferecendo bebida (aceitei gim e tônica) e me chamando pra balada”. Zoe ainda contou que após a noitada elas andaram pelas ruas desertas e iluminadas de Helsinque pela madrugada.

Entre latinhas de cerveja, sucos e petiscos variados, as conversas tentavam passar da barreira das repostas óbvias e chegar à recordação de grandes experiências. Em muitos casos, pulava-se a parte do “conhecer a pessoa” para a “história da vida” ser contada logo. Coisas de couchsurfers.

Raqueline Curvelo tem 25 anos, outra jornalista. Trabalha em uma assessoria de imprensa, mas gosta de ser referida por suas colaborações com blogs de música. É co-fundadora do fã-clubes da banda Skank, os Skankarados. Conheceu o Couchsurfing por indicação de amiga e, apesar de estar cadastrada no site, ainda não viajou ou hospedou pela rede. E justificava-se, mesmo que não precisasse, de que tinha acabado de se mudar para um apartamento pequeno e que não haveria espaço em sua casa para hospedar os surfers.

Rakky, como prefere ser chamada, mostrou-se muito animada quando, contando sobre o primeiro meeting que foi,

falou inglês com estrangeiros pela primeira vez. Ela disse que é uma sensação muito legal saber que alguém está te entendendo e que você pode entender essa pessoa. “Eu conheci um holandês, uma menina da Flórida muito legal e um francês. E essa menina da Flórida disse que me entendia muito bem, foi muito legal.” Pausa. “Taí, o Couchsurfing também é uma maneira de aprender outros idiomas”, afirmou ela que vai fazer um curso intensivo de inglês em Miami, Flórida, por 20 dias.

TATUÍ E O ALMOÇO EM BOTUCATU

Carolin estava de passagem por Bauru com o objetivo de chegar à cidade de Bonito, Mato Grosso do Sul, de bicicleta. Mas antes, muitos lugares e pessoas passaram em seu caminho.

A alemã de Riedenburg, uma cidade de cinco mil habitantes na Bavária situada entre Munique e Nuremberg, estava de férias no Brasil. “Esse dinheiro é meu. Trabalhei na Espanha por um ano por isso”, falava.

A primeira parada foi no Rio de Janeiro, na favela do Cantagalo. Em um hostel, Carolin conheceu Pablo, um argentino que distribuía marmitas para estabelecimentos da área, num bate-papo na cozinha do hostel. Interessavam-se por esportes e logo foram correr pela orla de Copacabana. Ao longo do mês, viram-se bons amigos e se encontravam todos os dias.

“Cozinhamos juntos muitas vezes. Uma vez fomos ao arpoador à noite, levamos pão, queijo, vinho e violão. Deitamos

na pedra grande, era quente. Era muito lindo! Depois subimos as escadas da favela que não acabavam nunca e eu vi o Sol nascer da favela. Deu para ver Copacabana inteira. Foi incrível!”, disse.

Além da vista, Pablo deu a Carolin outro presente importante para sua viagem: uma bicicleta.

Ao deixar o Rio, a ideia de Carolin era passar pelo Estado de São Paulo, chegar a Bonito e iniciar uma viagem pela América do Sul. Com boa parte do caminho percorrido de bicicleta.

Por volta das 5h30, Carolin chega de ônibus ao Terminal Rodoviário do Tietê, em São Paulo, e começa a criar uma imagem negativa de São Paulo.

“Tentei falar com as pessoas, mas elas não queriam falar. Foi muito estranho e difícil de conseguir informações”, disse ela. Carolin consegue chegar a um hostel que promete ser o mais barato de São Paulo, o Green Grass Hostel, cobrando R\$ 27 pelo leito mais barato compartilhado num quarto só para mulheres com localização próxima ao metrô do Belém.

Dignos do elogio “são pessoas que gostam de ajudar”, os funcionários do Green Grass guardaram a bicicleta de Carolin por 10 dias enquanto ela viajaria para Buenos Aires. Seu meio de transporte seria colocado “num lugar difícil de alcançar” e que, ao final, precisaram de duas pessoas para carregar a bicicleta.

De volta a São Paulo, Carolin chegou ao hostel de madrugada. Viu a hospedaria lotada e pôde dormir no sofá. E nem era Couchsurfing.

Estação Belém do Metrô. Eram 11h. “Eu caí com a bicicleta no Metrô e ninguém me ajudou. As pessoas tinham pressa demais”. Além da queda, ela foi avisada que era proibido carregar bicicletas naquele horário. “A moça disse que nada importava. Que eu só podia levar a bicicleta depois das oito da noite”.

A pé, Carolin visitou a Pinacoteca do Estado de São Paulo, o Museu da Língua Portuguesa e o Parque da Luz. No Parque ela se impressionou com gente pobre e feliz. Eram homens sem dentes tocando jazz ou moradores de rua catando lixo em carrocinhas. Sorrindo.

“Isso eu nunca vi na Alemanha. Aquilo era mais que suficiente para eles”.

No dia seguinte, ela queria sair daquela cidade das pessoas que têm pressa para tudo e não dão informações no metrô. Queria sair da cidade de trem, mas soube que não podia embarcar com a bicicleta no vagão. Ali, ela descobriu que perto da estação Barra Funda do Metrô há um terminal rodoviário de mesmo nome. Com o dedo em riste, escolheu a esmo um ônibus que saísse próximo àquele horário. Urgentemente, com sua bicicleta (muito pesada) a tiracolo, a desbravadora do interior da Bavária decidiu: Tatuí.

TUDO NÃO PASSOU DE ILUSÃO PARECIA A VIDA ME DIZENDO: - CAIA EM SI, TATUÍ!
3 NA MASSA

Estirada na cama e falando mais com o teto de que comigo, Carolin passa rapidamente pelo episódio de Tatuí.

“Aí em Tatuí eu conheci uma menina...”, continuou ela.

“Mas peraí”, interrompi. “Tatuí? Por que Tatuí?”, perguntei.

“Estava muito cansada, queria sair dali. Osasco e Guarulhos ficavam muito perto e aí vi que tinha ônibus para Tatuí. Acabei em Tatuí porque não consegui pegar o metrô.”, explicou e riu para o teto.

Desembarcando em Tatuí, Carolin Zobel subiu e desceu as ladeiras da cidade à procura de um lugar para dormir. Após alguns pedidos de informação bem-sucedidos, conseguiu seu abrigo num hotel barato e no dia seguinte conheceu uma garota sul-coreana por meio da opção Coffee or Drink do Couchsurfing. A garota, por sinal, estudava no Conservatório Dra-

mático e Musical “Dr. Carlos de Campos”, iniciativa cultural das mais bem-sucedidas no Brasil e que ela nem desconfiava encontrar depois da fortuita escolha pela cidade de Tatuí.

Ainda em Tatuí, ela fez o primeiro contato com Bauru. Era 20 de fevereiro, quando vi uma mensagem no Couchsurfing disponibilizada para todos os hosts de Bauru dizendo que uma tal Carolin Zobel precisava de algum lugar para ficar na cidade dos dias 24 a 26. Entrei em contato e disse que sim.

O trajeto planejado era sair de Tatuí e chegar a Botucatu, para chegar a uma casa encontrada também via Couchsurfing. A distância é de 108 km. Coisa pouca não era, ainda mais pedalandando. Os mantimentos carregados na bagagem eram duas garrafas de dois litros d’água, bananas, cereais e bolachas de água e sal. Apesar de já ter viajado dessa maneira na Alemanha, ela contou que lá as distâncias entre as cidades são muito menores e, disse sôfrega, que “aqui tem muita subida”.

Logo na saída de Tatuí, ela tinha que pegar a rodovia Castelo Branco para atravessar boa parte do caminho até Botucatu. Ela errou. Havia chegado a uma estrada próxima a Laranjal Paulista, cidade a 50 km de Tatuí. Chovia. Nada além de breu à vista e ela sem destino. Uma caminhonete com uma família parou e ajudou.

“Pedi abrigo da chuva e um lugar para tomar banho. Só queria isso.” A família ofereceu carona e a levou para casa. “Quando saí do banho tinha tudo pronto, café, queijo, cacau, pão. E a família inteira conversando, me contando suas histórias, seus sonhos. Foi muito lindo”, contou ela.

Da forma mais natural possível ela completou: “Me perdi, mas foi bom. Porque conheci o campo, os cavalos, muitas vacas e essa família. Às vezes você tem que se perder para se encontrar. E assim cheguei a Botucatu”.

Chegando a Botucatu de caminhonete com a recém-conhecida família, Carolin presenciou, segundo ela, o momento

mais lindo de sua viagem até ali.

“Me levaram até a outra família, de Botucatu, do Couchsurfing, me receberam com a mesa pronta e convidaram a família que conheci na estrada para conversar e comer junto. Foi a coisa mais linda! Duas famílias que nem se conhecem, comendo juntos e conversando por minha causa! Tenho vontade de chorar de felicidade. Gente tão boa.”

Mas Carolin, não chorava com a lembrança. Apenas ria.

“As pessoas te ajudam quando você precisa. Seus pais estão tão longe, mas estes são os teus pais. Isso é Couchsurfing”.

O SISTEMA COUCHSURFING E UMA BREVE HISTÓRIA DA COMUNIDADE

Casey Fenton, estudante de programação em New Hampshire, EUA, tinha que ir à Islândia para um congresso na Universidade de Reykjavik. Como estava sem dinheiro, procurou economizar com a hospedagem. Casey enviou 1.300 e-mails, via mala direta, para estudantes da universidade pedindo para se hospedar em algum lugar durante o congresso. De graça. Qual não foi a surpresa dele que cerca de 50 responderam com uma resposta positiva. Depois de surfar por sofás pela primeira vez independentemente, Casey Fenton trabalhou para criar uma plataforma online que facilitasse a vida das pessoas em pedir hospedagens grátis e em aceitá-las. Foi assim que surgiu a primeira ideia de Couchsurfing.

Mas sistemas de hospedagens grátis baseando-se em troca de hospitalidade não foram cria de Casey. Em 1949, já tinha sido fundada a Servas Open Doors e, mesmo numa era pré-internet, a organização se mobilizava para oferecer abrigos gratuitos a viajantes, neste caso, com o objetivo de promover a paz no mundo após o término da devastadora Segunda Guerra Mundial. Por meio de variadas entrevistas e verificações anuais de identidade, a Servas fornecia a segurança e confiança para seus membros anfitriões e estrangeiros por meio de mecanismos físicos como formulários pelo correio: maneiras palpáveis e de dinâmica lenta. Muito diferentes ao sistema que Casey Fenton projetava para a sua comunidade virtual.

Quatro anos depois do estalo de Casey, em janeiro de 2003 foi lançada a versão beta da rede e em 2004 foi fundada oficialmente a Couchsurfing International Incorporate, uma empresa sem fins lucrativos que respeitava a lei do Estado de New Hampshire, Estados Unidos da América. Além do fundador Casey, o site foi co-fundado pelos também programadores Dan Hoffer, Sebastien Le Tuan e Leo-

nardo Bassani da Silveira, este último um brasileiro. O nome significa “surfear por sofás” em tradução livre e teve origem na canção “Couch Surfer” do grupo de música eletrônica canadense Bran Van 3000.

A missão do site era e, ainda é, “conectar internacionalmente pessoas e lugares, criar trocas educacionais, cultivar uma consciência coletiva, espalhar a tolerância, e facilitar o entendimento cultural”. E, para conectar o mundo culturalmente em função de hospedagens grátis, a teia de códigos facilitadores de trocas de informações criada por Fenton deveria prover segurança e confiança. De maneira semelhante aos formulários do Servas Open Doors, Casey Fenton e os co-fundadores, também programadores, desenvolveram um sistema de referências entre membros, verificações de localizações e indicações de segurança pelos próprios usuários. Dessa forma, a ideia de que você seria um anfitrião ou viajaria para se relacionar com completos estranhos foi trocada pelo slogan: “eles não são estranhos; são amigos que você ainda não conhece”.

Ao final de 2004, 6 mil membros aderiram à comunidade. Em 2005 o número chegou a quase 45 mil e a comunidade crescia de forma orgânica com membros ativos dispostos a traduzir textos para outras línguas, discutir online entre as comunidades das capitais mundiais e até mesmo auxiliar na programação do site. Membros esses atuando voluntariamente apenas por acreditar na proposta do site que exclui a transação monetária da hospedagem para dar espaço ao valor da companhia. O site se mantinha financeiramente por meio de doações e pelas verificações de localização dos couches via cartão de crédito com taxas no valor de US\$ 20 por pessoa. A verificação é opcional.

Em junho de 2006 houve um crash no sistema de dados da rede e quase tudo foi perdido. Em razão de quatro dias, o site “Couchsurfing.org”, agora em versão 2.0, voltava ao ar com a ajuda de um coletivo voluntário já constituído em Montreal, Canadá. Programadores e membros ativos da comunidade reativaram o site, mas recomeçando do zero. Na época Casey Fenton disse: “É com uma dor no

coração que eu enfrento a verdade dessa situação. O Couchsurfing, como nós conhecíamos, não existe mais”.

De 2006 a 2011, o site foi tocado majoritariamente pelos Couchsurfing Collectives: eventos de integração dos membros em prol do crescimento da rede. Os eventos foram realizados em Montreal, Viena, Nova Zelândia, Roterdã, Tailândia, Alaska, Costa Rica e Istambul.

Em 2008, a Couchsurfing International Inc. contabilizava 800 mil dólares em doações e com a renda dos US\$ 20 opcionais por pessoa. Em 2009, a comunidade chegou à marca de um milhão de membros em todo o mundo.

Desde o início do projeto, Casey Fenton enfrentou dificuldades em licenciar sua empresa com o selo “sem fins lucrativos” e obter isenções de impostos. A Couchsurfing International Inc. estaria devendo, em 2011, mais de US\$ 1 milhão ao imposto de renda americano e não conseguia oficializar a licença 501c3 da legislação americana, que ampara organizações sem fins lucrativos e as isenta de impostos. A partir daí começa um novo panorama para os membros do Couchsurfing. Em 25 de agosto de 2011 a empresa consegue a licença B Corporation, uma certificação que admite investimentos de fundos, mas que deve seguir auditorias sobre o uso do dinheiro para fins sociais. O fundo Benchmark Capital, que também depositou ações nas marcas Instagram e Twitter, investiu US\$ 7.6 milhões e outros investidores depositaram US\$ 15 milhões na Couchsurfing International Inc. O que antes era um projeto desenvolvido, mantido e gerenciado voluntariamente por muitos no mundo todo, agora precisa responder a padrões de uso de fundos comerciais para utilizar os seus US\$ 22.6 milhões em caixa.

Dois dias depois da decisão, Casey Fenton escreveu uma carta aos membros do Couchsurfing, por meio do blog da comunidade, explicando o acontecido. Em um trecho, ele menciona a licença 501c(3) dizendo: “Tentamos muito por muitos anos sermos certificados como uma [empresa] 501c(3) sem fins lucrativos, mas

ultimamente o governo dos Estados Unidos não aceitou que hosting e surfing são formas de caridade”.

Em outro trecho ele faz três promessas, dizendo que “a participação do Couchsurfing é grátis e sempre será; a licença de Corporação B não tira o objetivo principal do projeto que é fazer do mundo um lugar melhor, pois eles vão obedecer a rigorosos padrões de responsabilidade social” e, por fim, enfatiza que “não é porque o Couchsurfing não é mais sem fins lucrativos que agora será em favor de fins lucrativos” e que manter a comunidade é o objetivo principal, mais do que conseguir dinheiro. Com a nova fase, a sede da empresa mudou para San Francisco, Califórnia, região do Vale do Silício, onde também estão sediadas a Apple, o Google e o Facebook.

Após a incorporação da nova licença, muitos veteranos da rede se posicionaram contra a iniciativa argumentando um desvio na missão inicial do Couchsurfing. E fazem críticas sobre uma suposta não transparência na tomada de decisões sobre a comunidade e em algumas mudanças, por exemplo, nos novos termos de uso do site.

O trecho “4.3 Member Content License” (Licença para Conteúdo do Membro) dos Termos de Uso do site tornou-se famoso na comunidade e foi criticado pelos membros mais ativos. O excerto transfere todo e qualquer conteúdo publicado por um membro do site para o uso irrestrito da Couchsurfing International Inc. Alguns membros demonstraram a sensação de que passaram de participantes a produtos da rede.

Fato é que, depois de receber o título de Corporação B, a comunidade observou mudanças significativas. A mais evidente delas é o número de participantes: em 2011, eram três milhões. Em 2013, são seis milhões de membros localizados em todos os países do mundo: 217. Até mais do que as nações institucionalizadas pela ONU: 193.

O público da comunidade obviamente se diversificou com a transformação. O que no início era predominantemente uma comunidade de viajantes, ao crescer ela abriu alternativas para pessoas comuns que não podiam nem viajar nem hospedar. As opções Coffee or

Drink, que permite passear com o surfer pela cidade e apenas bater papo sem precisar abrigá-lo em sua casa, foi adicionada após a implementação da versão comercial do site e cada vez mais os nativos estão usando o Couchsurfing para conhecer a própria cidade e outros membros da comunidade local.

Interações com o Facebook, incorporação de aplicativos para smartphones e pedidos abertos de couch request direcionados para quem queira hospedar um surfer, também foram outras mudanças que estimularam a conexão entre os membros e aumentam o alcance do fluxo de troca de informações da rede.

Segundo estatísticas da própria comunidade, o Couchsurfing está em 97 mil cidades. Os Estados Unidos são os que têm mais membros, com cerca de 20% participantes. Paris é a cidade com mais membros do mundo. A média de idade dos membros do mundo todo é 28 anos de idade. A língua inglesa é a predominante no sistema sendo usada em 71% das interações entre os couchsurfers. Apesar das precauções de segurança com a participação de mulheres na rede, elas representam 47% dos membros. Mais de 300 cidades do mundo têm meetings semanais regularmente. São 18 mil famílias e 19 mil participantes de grupos para aprendizado de novas línguas. Foram mais de 20 milhões de experiências Couchsurfing de 2003 a janeiro de 2013.

O Brasil é o oitavo maior integrante da comunidade com mais de 50 mil membros. A cidade mais ativa é São Paulo que possui mais de 32 mil Couchsurfers e é seguida pelo Rio de Janeiro com cerca de 21 mil.

Segundo pesquisa do Ministério do Turismo utilizada no artigo "Turismo 2.0: Um Estudo de Perfil de Usuários da Rede Couchsurfing", da jornalista Mariana Dutra, a economia do turismo brasileiro não aponta como significativa o turismo independente, segmento em que se encaixa o Couchsurfing.

O estudo de 2008 mostrou que o Brasil movimentou R\$ 5,8 bilhões por ano com turismo. 68,2% dos entrevistados disseram preferir modos tradicionais de hospedagem (hotéis, pousadas, chalés) e apenas 2.2% utilizam outras formas de hospedagem não citando redes de intercâmbio de hospitalidade como tal.

O artigo, no entanto, aponta estatísticas que mostram que o terceiro item mais citado para motivações do brasileiro em viajar são reduções de preços de hospedagem. Outro dado de destaque é que os viajantes independentes, em muitas vezes, gastam mais do que os turistas que escolhem pacotes com datas pré-definidas em suas viagens, pois têm uma estadia mais longa no destino escolhido. O artigo ainda cita a Austrália, o maior expoente em turismo independente no mundo, que iniciou nos anos 1990 com um investimento de US\$ 2,69 milhões para o desenvolvimento da indústria. Em 2003, o país recebeu a arrecadação de US\$ 1,7 bilhão. Em 2008, a Austrália tem 10% de seus visitantes sendo mochileiros ou turistas de baixo custo.

Mesmo sendo um filão menor se comparado a outras formas de se gastar dinheiro com hospedagem, o Couchsurfing pode representar uma fonte de interação local dentro das cidades e bairros conforme observação realizada neste livro. Ao conhecer um nativo, o novato na cidade não terá apenas um leque de pontos turísticos famosos para visitar, mas entrará em contato com um indivíduo imerso em interesses diversos que podem personalizar a viagem do surfer. Pode levá-lo a lugares não tão prestigiados e influenciar processos culturais que talvez não estivessem em seu roteiro. O samba do bairro, a pizzaria da esquina, a praça das redondezas ou o centro cultural que fica há 10 minutos a pé. São possibilidades que dependem da interação da localidade, do host e do surfer, e podem potencializar iniciativas menores não dependentes de uma agenda simbólica de pontos turísticos supostamente obrigatórios a serem visitados.

NOW MOVE INTO YOUR HOUSE, I'M A COUCH SURFER YEAH, BUT I DON'T MEAN TO BE SOMEBODY TOOK MY KEYS, I'M A COUCH SURFER. BRAN VAN 3000

Funcionamento

A rede Couchsurfing funciona devido a dois pilares: segurança e confiança. Em outras palavras, quanto mais o couchsurfer se apresentar com o perfil dentro da comunidade, mais ele cria uma reputação significativa e maiores são as chances de outras pessoas quererem conhecê-lo. Portanto, o primeiro passo para participar da rede é ter um perfil completo com informações confiáveis preenchidas em todos os campos e com fotos. Este será o seu cartão de visitas (ou de viagens) na comunidade. Ter um perfil vazio de informações pode excluí-lo de participações de grupos, eventos e de conseguir aprovações de couch requests. Há até uma opção nas configurações de perfil que descarta automaticamente os perfis com um mínimo de informação disponível, impedindo-os de enviar couch requests.

Entre as informações a serem preenchidas no perfil estão os básicos: idade, data de nascimento, educação, ocupação, lugar onde cresceu, etnicidade, gênero e data de entrada na comunidade. Para maior especialização estão: descrição pessoal, “como eu participo do CS” (viajando ou hospedando), experiência na comunidade, interesses variados, informações sobre músicas, livros e filmes, filosofia de vida, tipo de pessoas que gosta, preencher campos chamados “ensinar, aprender e compartilhar”, “uma coisa incrível que eu já vi ou fiz”, dar a sua opinião sobre o projeto e “por onde já viajou e pretende viajar”.

Se você quiser ser um host você deve preencher o campo Couch Information. Ali você descreve como é a sua casa, suas regras de convivência e a superfície onde o surfer vai dormir (cama, sofá, chão etc.). Há também as opções obrigatórias a serem respondidas: superfície compartilhada de dormir e quarto compartilhado, para o usuário escolher sim ou não.

Você também deve identificar as línguas que fala e o grau de fluência apresentado. Participar de alguns grupos que se alinham

aos seus interesses ou a região onde vive mostram que você está inserido em atividades de outras pessoas. Sua rede cresce e você se torna mais confiável.

Essas características são altamente recomendáveis de se apresentar na comunidade e são elas que vão levar à conexão de amigos e às referências dadas por eles. Quanto mais amigos na comunidade você tiver e apresentar legítimas referências de quem você é, sua reputação será fortalecida e você poderá se conectar com mais e mais gente na comunidade.

Para ser amigo de alguém, você deve responder um questionário validador de sua amizade. As duas pessoas devem aceitar a amizade e dizerem quando foi que se conheceram e em que circunstâncias (surfando, hospedando ou em viagens fora do CS). Essas informações estarão disponíveis para todos que visualizarem o seu perfil.

Essas são as informações essenciais para você cultivar confiança entre os membros da comunidade. A segurança é assegurada pela comunidade por meio do sistema de referências, vouchers e verificações.

As referências são os feedbacks dos membros da comunidade descrevendo experiências com usuários na comunidade. As referências podem ser positivas, negativas ou neutras e podem ser deixadas por qualquer membro da comunidade. Uma referência negativa, por exemplo, avisa para o restante da comunidade que em determinada situação tal membro não correspondeu a um comportamento apropriado. Do mesmo modo, referências positivas podem atrair pessoas a conhecerem o membro positivado. Seja em função de viagens, de hospedagens, de eventos do Couchsurfing, as referências são parte essencial para a segurança da comunidade, pois expõem a interligação pessoal da rede com relação a um membro. Se um membro for negativado ele poderá ser ignorado em outras oportunidades de couch request, pois o seu comportamento impróprio transformado em referência negativa não pode ser apagado.

O sistema de vouchers é uma forma de declaração de confiança

de um membro a outro. A rede toma a pessoa notificada com o voucher como confiável e munida de recomendação visível por qualquer membro da comunidade. Para que o membro ganhe essa diferenciação, o Couchsurfing criou um sistema que impede a distribuição de vouchers deliberadamente. Para ter o primeiro voucher, você precisa ganhá-lo de alguém que já teve três vouchers e, necessariamente, os dois devem se conhecer pessoalmente. O Couchsurfing recomenda que a pessoa que receber o voucher deve ser considerada como “extremamente confiável”.

Depois de receber três vouchers, você pode dar vouchers para seus amigos, mas seguindo a recomendação de que deve conhecê-los pessoalmente e a fundo. A rede orienta a não dar vouchers a pessoas conhecidas online e a pessoas conhecidas em viagens. Se a administração do site descobrir que um membro designou um voucher a uma pessoa que não conhece, eles serão removidos da comunidade. E, se você dá um voucher a uma pessoa que se mostra pouco confiável na rede, isso, segundo o Couchsurfing, é um reflexo de suas amizades e essa relação diminuiria também o seu grau de confiabilidade automaticamente de acordo com o sistema.

O sistema de voucher começou depois da quebra do sistema em 2006. Os primeiros a terem vouchers foram os administradores, que passaram para seus amigos, que iniciaram a enraizar a corrente dos vouchers.

O sistema de verificação, segundo a Couchsurfing International Inc., “é uma maneira opcional de checar seu nome e endereço que ajuda a mostrar que você é quem você diz que é”. Pelo pagamento de US\$ 20 via cartão de crédito a rede fica habilitada a ver o nome e endereço que você usa na sua instituição financeira. A chancela de verificação da rede fica visível e é mais uma forma de aumentar a confiança dentro da comunidade.

Outra maneira de mensurar o comprometimento de um membro dentro da comunidade é através do reply rating: índice de respostas a couch requests que você constrói na rede. Se alguém possui um

reply rate alto, de 80% a 100%, isso significa que a grande maioria das couch requests que essa pessoa recebeu foram respondidas, não importando se ela disse “sim” ou “não”. Se o reply rate dela está abaixo de 50%, o índice mostra que você não respondeu aos pedidos de couch de outros membros, significando para a comunidade um descomprometimento com a rede. Esse perfil pode ser ignorado quando tentar alguma interação em eventos, grupos, ou mesmo nas próprias couch requests que possa enviar em futuras viagens.

Há também o last login, uma informação opcional visível no perfil que mostra a localidade do seu último login no site. Isso ajuda a outras pessoas saberem que você realmente está na cidade em que você diz que está ou se está viajando. A rede avisa também que em algumas situações podem ser identificadas localidades equivocadas, mas a empresa se exime da responsabilidade de erros. Por exemplo, em muitos perfis localizados na cidade de São Paulo estavam marcados a cidade de Guarantá do Norte, Mato Grosso, Brasil.

Essas facilidades e deveres que o usuário deve ter para com o sistema pretendem aumentar o nível de confiança e diminuir o número de experiências ruins na comunidade. O contato com veteranos por meio de eventos dos grupos das cidades também é indicado para transformar as orientações em práticas observáveis por todos e a troca de informações ser mais franca. Conceitos de referências, vouchers e modos de lidar com a rede são indicados pelo Couchsurfing a serem apreendidos de acordo com os exemplos vistos de gente que ensina como se dá a relação entre pessoas dentro da comunidade. Os princípios de conexão e tolerância cultural são passados pelas experiências e histórias dos próprios membros, seja viajando, hospedando ou participando de eventos locais.

No próprio site existem dicas para que as experiências de surfar e hospedar sejam positivas. Algumas delas são:

- Conheça bem o host ou surfer que você vai conhecer, converse com ele e esteja seguro de que ele tem um perfil completo de informações, referências e fotos;

- Fale claramente sobre regras de convivência como horários do surfer e do host;
- Informe-se sobre a cultura de onde você está viajando. Detalhes do cotidiano e da segurança de cada lugar;
- Mantenha suas faculdades mentais. O uso de drogas e álcool pode te deixar desorientado nas mãos de outra pessoa;
- Tenha um “plano b” caso a hospedagem não saia como o planejado;
- Deixe feedbacks sobre as experiências que você teve em forma de referências para que outros surfers possam visualizar as informações.

O EMBAIXADOR

Já tinha falado com Andy Nakamura antes da reunião na casa de Luiz e Luzia. Estive de passagem num encontro de veteranos de CS na rua Augusta. Foi lá que de imediato ele me disse: “daqui a pouco estou largando tudo, daqui um ano ou dois”. No Cooksomething, Andy se misturava a outros membros do grupo do CS assíduos às reuniões com os amigos. Junto à namorada Maria, Andy ajudava na arrumação da cozinha e se mostrava solícito a receber novatos como eu. Podia não parecer, mas o descendente de japoneses é um dos embaixadores do grupo da cidade de São Paulo do Couchsurfing e o maior articulador de atividades dentro de um grupo de mais de 700 membros.

O pequeno desabafo logo de cara se deve ao grande dispêndio de tempo que Andy dá ao grupo e ao ônus de arcar com problemas quando ninguém os quer carregar. Desde

maio de 2010, por exemplo, Andy se orgulha de participar da organização de 217 meetings semanais consecutivos. A cada reunião necessita-se de voluntários do grupo. Muitos desses são dispostos a dividir responsabilidades, mas quando poucos se disponibilizam, Andy está lá para segurar a bronca. Ele modera tópicos dos grupos de dentro do site do CS, media discussões e puxa a fila para a organização de eventos e atividades a curto e longo prazo. Atualmente, existem mais três embaixadores: Saulo Adriano, Tiago Schmidt e Roberta Noris, mas esses estão inativos por motivos pessoais.

Orgulhoso por ser de família decasségui, ou seja, emigrada para trabalhar no Japão, Andy Nakamura, 40 anos, baixinho de pele morena e japonês naturalizado brasileiro, trabalhou “sempre em fábrica” e chegou a sua posição de pesquisador de marketing do Banco do Brasil justamente por sua ligação com o Oriente. Andy já havia voltado para o Japão em 2005, para trabalhar em Nagoya, numa empresa terceirizada que fornecia equipamentos automotivos de alumínio para grandes montadoras de automóveis. Trabalhava 14 horas por dia em pé. Ainda por lá, por mais dois anos juntando grana e depois de uma ação do banco para uma celebração dos decasséguis, ele escreveu uma redação para um concurso cultural. Ganhou. E depois de um tempo foi convidado a trabalhar com o marketing do banco por ter um texto bom. Não titubeou e voltou para o Brasil.

Andy não viajou por CS em terras nipônicas e começou a surfar por sofás no Brasil em 2008. Em seu perfil no CS, Andy Nakamura possui, além da marca de bandeirinha de embaixador, uma lista de hospedagens e viagens: já hospedou oito pessoas, surfou em 19 sofás e interagiu via a opção Coffee or Drink em 23 vezes. Seu endereço é reconhecido e indicado por 121 pessoas via voucher. Sua taxa de respostas a couch requests é de 82% e seu nome de login no site é “JOHNNY

MARR”, em homenagem ao guitarrista da banda inglesa The Smiths. Considerando um membro ativo no CS, o número de hospedagens oferecido por Andy é relativamente baixo, mas sua atividade nos eventos é essencial para o grupo paulistano. Andy é o perfil de usuário da rede que promove a interação entre pessoas em eventos médios e grandes, mais do que usufruindo do sistema de hospedagem gratuita. “Não estou podendo hospedar muito, mas fiz as contas: já fui 32 vezes ao Mercado Municipal só esse ano”, conta surpreso. Geralmente os hangouts de Coffee or Drink, como dizem os membros do CS, são com estrangeiros perdidos na cidade, ansiosos por encontrar pontos turísticos e conversar com nativos. Lugares recorrentes de visita são o Mercado Municipal, a vista do antigo prédio do Banespa e o parque do Ibirapuera. Andy também leva seus guests e o pessoal do hangout para a avenida Paulista, a rua dos bares da Vila Madalena e, se houver a oportunidade, aos meetings semanais que, segundo o embaixador do CS, é uma boa forma de fazer amizades e os “gringos adoram”.

Nas festinhas semanais, Andy marca presença como DJ, um hobby seu. No perfil do CS ele possui uma lista invejável de shows vistos: de Paul McCartney a Nirvana, passando por Teenage Funclub e Neil Young. E lembra: “o Couchsurfing me forçou muito a conhecer outros tipos de música. Eu só escutava rock, aí conheci uns franceses, uns africanos. E aí você se vê escutando música árabe com heavy metal”.

A participação de Andy no CS é diária. Moderação de comentários, recepção de novos usuários, satisfação dadas sobre decisões no grupo, gerência de um fundo monetário para emergências com atividades ou surfers, planejamento de eventos e engajamento de pessoal são algumas das tarefas que ele faz durante a semana. Ele também mantém o blog Couchsurfing São Paulo que funciona como arquivo de links, imagens

de atividades do grupo, além de ser um painel de mensagens ligadas à missão do CS. Ali se fala, sobretudo, de tolerância entre as pessoas e do ideal de compartilhamento de experiências. Embora solicite auxílio com as postagens, somente ele produziu conteúdo para o blog até hoje.

Levando em conta apenas os meetings, Andy organiza uma escala mensal com os voluntários dispostos a cooperar: um para “abrir” e outro para “fechar” a noite. Ele também dá dicas da agenda cultural paulistana, convida para eventos grátis na cidade e avisa que, eventualmente, uma garota perdeu seu cartão de crédito em uma hamburgueria após a última festa.

Apesar de dividir a organização de eventos com outros moderadores e veteranos de CS, é Andy Nakamura quem dita as regras do grupo do Facebook do CS. Esse é o local da web onde a comunicação entre os surfers é mais efetiva e aberta aos novatos, que nem sempre estão habituados a lógica do site do CS. No grupo “Couchsurfing São Paulo - Brasil”, o embaixador relembra regras de convivência na rede e repreende aqueles que não estão inseridos na lógica da comunidade. Uma situação comum é a dos novatos que apenas fazem seu perfil na comunidade, mas não o utilizam. Isso acontece muito por conta da mudança significativa que o site sofreu até hoje. Em 2013, são seis milhões de usuários da rede; em 2011 eram três milhões. Esse crescimento exponencial, segundo muitos veteranos de CS, foi prejudicial ao seguimento de princípios básicos da comunidade e promoveu uma massificação da missão do CS, fazendo com que algumas recomendações de relacionamento da rede sejam deixadas de lado pelos novatos.

Exemplo: desde março deste ano foi determinado pelo grupo do Facebook que todos os seus membros devem possuir perfil na comunidade do CS. Antes, muita gente entrava no grupo do Facebook sem saber o que era o projeto e queria saber apenas das festas.

Outro exemplo foi dado por Andy, advertindo sobre a segurança dentro do CS:

““ Aviso Importante:

Amigos e amigas CSurfers.

O CS é formado por pessoas de diversas nacionalidades, raças e níveis sociais. Com o aumento do grupo - somos quase seis milhões de usuários - também aumenta o risco de sofrer golpes dos mais diversos tipos. Todos estão esquecendo de olhar os perfis das pessoas com as quais andam. “Beleza é fundamental” dizia Vinicius de Moraes, mas fundamental é manter a integridade - física e monetária – de nossas pessoas. É importante sim dar couch e fazer Coffee or Drink com novatos, mas um mínimo de cuidado tem que ser seguido: olhar o perfil, ver se tem fotos, se tem descrição minimamente escrita, etc. etc .etc. Lembrem-se: em muitos casos abrimos nossas casas e vidas para pessoas que nunca vimos antes. E a galera está esquecendo dos detalhes mínimos de segurança.

Fica o toque, Andy

Ele atenta para perfis de gente “bonitinha”, que não se esforça para ter uma boa reputação na comunidade, mas, mesmo assim, consegue couchs e surfers mais facilmente do que aqueles que trabalham para fortalecer uma conexão social no CS. Essa é uma recomendação que visa uma melhoria nas relações entre os usuários da comunidade e promove maior confiança no sistema. Os encontros seriam mais verdadeiros e seguros, pois a aparência não seria o único atrativo da relação host e surfer.

Outra recomendação:

““ Aviso Importante (2): a partir de maio o Couchsurfing São Paulo - Brasil vai se dedicar a divulgar eventos culturais e atividades que enfatizem o relacionamento interpessoal dos membros. Grupos e subgrupos para ir beber existem e são importantes sim, mas vamos encontrar nosso nicho e nos voltar ao princípio fundamental e que é nosso primeiro preceito: de nos conhecer. Obrigado

Essa é para os tipos (geralmente mais jovens) que se entregam aos excessos do flerte e da bebida em festas de CS.

CONVIVÊNCIA INTENSA COMPRIMIDA

A ideia de entrevistar Carolin Zobel deitada na cama aconteceu naturalmente, muito mais por sua preguiça ou cansaço. Era o último dia dela em minha casa, e já eram 23h.

Não sei o motivo, mas ela estava à vontade. O bastante para notar sua blusinha, shorts curtos e duas tatuagens: uma na região da cintura próxima ao púbis e outra nas costas próxima ao cóccix. Eram desenhos tribais, uma herança de uma adolescência rebelde. O pai sabe apenas da existência da das costas. Cabelos soltos. Descalça. Situação de inusitada confiança de uma mulher com um homem que conheceu há três dias e está fechado com ele em seu quarto. Tive a sensação de que, o que importava naquele momento era corresponder à confiança que Carolin me estava conferindo e que deveria ater-me ao diálogo. Sabia que iria sentir falta daquela indiscrição alemã tão sincera e pura.

Ela tinha 28 anos de idade, cinco deles de Couchsurfing, mas apenas se tornou ativa na comunidade em 2011. Sempre ficou hospedada e nunca hospedou. Dessa maneira, visitou destinos como Porto, Madrid, Rio de Janeiro, Botucatu e Bauru. Quando teorizava sobre a rede, Carolin dizia que essa é uma forma das “pessoas serem mais tolerantes, de respeitar mais uns aos outros”, seguindo a lógica de que quanto mais se viaja, mais se conhece gente diferente. E se for de CS, a experiência aumentava e o respeito se multiplicava.

Para exemplificar, contou a história da vaquinha Mumu, do livro infantil “Misery Mumu”, da inglesa Jeanne Willis. Na historinha, Mumu era uma vaca triste, que vivia com uma nuvem negra a chover em sua cabeça todos os dias. Tudo era motivo para ser pessimista sobre a vida. Ela tinha o amigo Bé, um carneiro feliz da vida que vinha todos os dias animá-la. Mas, com o tempo, até o Bé foi ficando jururu junto com Mumu. O tempo passou e Mumu percebeu o quanto Bé gostava dela e resolveu levantar o astral do amigo. No fim, os dois animais ficaram felizes para sempre. Mesmo com a interminável chuva acima de suas cabeças.

“Temos que aprender com os outros, olhar para além das coisas cotidianas”, falou.

Sua primeira experiência no CS foi em 2011, em Lisboa, com Ana, também uma novata na comunidade. O perfil da lusa tem mensagens como “agarre a vida antes que a vida te agarre” e “coma a sobremesa primeiro”.

Foi uma experiência muito boa para Carolin porque as duas não sabiam das regras a seguir da rede e, assim, sentiram-se mais à vontade. Carolin ainda manteve contato com a portuguesa. E, antes de vir ao Brasil, foi a Lisboa tomar um café com Ana.

A segunda experiência de Carolin foi considerada neutra e aconteceu em Madrid. Lá, ela ficou em um apartamento de

um peruano e um panamenho que trabalhavam e não a ajudaram muito com a viagem. “Só nos víamos à noite. Éramos muito diferentes. Mas faz parte da convivência humana. Com gente aberta, a conexão é mais fácil”, dizia.

O único pequeno parêntese negativo na história de Carolin no Couchsurfing foi no Porto, depois de ficar na casa de Ana. Carolin trocava mensagens com um host que oferecia seu apartamento. Parecia tudo bem, quando viu que ele tinha uma referência negativa: uma menina o acusava de assédio sexual. Carolin voltou atrás e recusou o convite, mesmo com a defesa do host dizendo que a menina que havia dado a referência era louca.

Nesse momento da conversa perguntei sobre algum envolvimento sexual no Couchsurfing:

Ela riu e respondeu:



Não foi sexo. Foi diferente. Foi com uma pessoa que ‘te quiere’. Romântico, muito intenso. Nós fizemos luz

, filosofou.

Era Mário, de Buenos Aires, que Carolin conheceu no ínterim de sua viagem pelo Brasil. A ele, ela era só derretimento. Falava que Mário era especial com todas as pessoas: homens e mulheres.

“Falo com ele todos os dias. Ele é como uma luz, uma alegria personificada. Não foi nada sexual”, reiterou.

No perfil de Carolin do Couchsurfing, Mário escreveu assim:

“Carol ficou em B.As. [Buenos Aires] por poucos dias. Não acho que consigo descrevê-la, ou sua presença, propriamente por linguagem convencional. Eu diria que ela é um anjo e sua presença é uma cura de amor e paz de uma maneira muito intensa. (Eu diria com um grande sorriso em meu rosto e alma)”.

Depois de mais de uma hora de entrevista, Carolin recolheu-se e foi dormir. No dia seguinte, ela já não estava mais lá, havia saído logo ao amanhecer com sua bicicleta pesada rumo a Lençóis Paulista e, depois, a almejada Bonito, no Mato Grosso do Sul.

Suas histórias e, como disse Mário, sua presença ainda ecoavam em minha cabeça revestidas de uma definição em particular: “Couchsurfing é uma convivência intensa comprimida”.

PREPARATIVOS PARA O ENCONTRO OU A TARDE DO FRANGO AO CURRY

Acordei mais cedo que Juli e Fabrício. Nesse meio-tempo em que não despertavam, pude observar a casa em que viveria nas próximas 36 horas. Havia uma cozinha minúscula com espaço para pia pequena, fogão e compartilhamento para o lavabo; um banheiro ao fundo, em que o chuveiro podia ser usado como ducha ou com uma torneirinha maior que a de um bidê; do quarto do casal, ao qual não tive acesso, pude ver pela luz do sol que continha uma janela. E tinha a sala. A sala era tudo, na verdade. Mais próxima à cozinha estava a janela, que iluminava um varal de secar roupas portátil de chão. Mais ao lado direito, dois banquinhos altos e muita coisa atulhada. Seguindo à direita, estava o sofá-cama e, ao lado, o armário que vai quase ao teto. Se o sofá-cama estiver aberto, não há quem transite pela sala e o cômodo funciona como quarto.

Se ele se dobrar sofá, percebe-se a televisão e uma estante com cerca de 30 DVDs. Há mais uma infinidade de filmes gravados em DVDs virgens em cima do armário, avisaria Fabrício. A televisão é grande e passou o fim de semana inteiro desligada.

As coisas abarrotadas no chão são equipamentos de cicloturismo. Rodas, raios, selins, quadros. Alguns dentro de caixas, outros não. No total, dentro daquele diminuto apartamento, estavam guardadas cinco bicicletas, sendo duas desmontadas. As outras três penduravam-se no teto da sala.

Ainda estava limpando as remelas dos olhos quando virei e me deslumbrei com a decoração da maior parede da casa, a que dá de frente para a porta de entrada. Ela é tomada por mapas. Mapas do centro, da cidade e do Estado de São Paulo; mapa do Brasil; mapa das Artes da cidade de São Paulo, mapa do Metrô, mapa de Brasília, mapa de Buenos Aires, mapa do Chile, mapa da Europa, da Ásia e até da cidade proibida na China. “Começou com a gente usando nossos próprios mapas para decorar. Depois, amigos nossos foram dando de presente”, contou Fabrício logo ao acordar, ainda espreguiçando-se. O mapa da cidade proibida da China foi um dos presentes, vale dizer.

A sensação de que estava numa casa de viajantes era imensa, pelos motivos óbvios das bicicletas e dos mapas, mas também pela iniciativa de abarrotar a sua casa de personalidade, de um aconchego próprio deles.

Arrumei minha cama e, a pedido deles, dobrei-a de volta como o sofá que antes era. Tomamos café com tostadas, um café arábico forte de grãos orgânicos. Somente durante este café da manhã foi que pude conhecer mais meus dois anfitriões.

Fabrício Muriana, 28 anos, formado em Comunicação Social com habilitação em Publicidade (dizendo assim mesmo),

pós-graduado em Produção Audiovisual, cursa Filosofia na USP e atualmente é um “feliz desempregado”, no que consta em seu perfil do CS. Ele deixou sua função de programador no site da prefeitura de São Paulo e decidiu viajar de bicicleta. “Passei seis anos seguidos só trabalhando, sem ter tempo pra nada. Aí resolvi largar”, disse.

Fabricio está no CS desde 2007 e tem a marcação de pioneiro no site. Já hospedou 24 vezes, viajou por 32 sofás e conheceu três viajantes da comunidade do CS no caminho de suas viagens. Até partir para uma cicloturagem com seu amor pela América do Sul, imaginei que seria natural dos dois andarem muito de bicicleta. Mas o casal vai além do que ir ao trabalho de bike ou caminhando ou de ônibus (o que fazem todos os dias). Fabricio, em 2011, já fez parte do projeto Coletivas, um movimento que tinha como lema “Bicicleta parada não leva a nada”. O coletivo (que contava também com Sabrina) recolhia bikes doadas e as consertava para torná-las coletivas. Por meio da confiança mútua, a pessoa que se cadastrava gratuitamente no site do Coletivo podia pegar uma das bikes reservadas pela cidade e se comprometia a devolvê-la no mesmo lugar ou em outro ponto cadastrado da cidade. Agora em 2013, o casal ciclista iniciou o projeto KOMBIKE. Que é simples: uma Kombi equipada para em um bairro da periferia de São Paulo e ajuda a consertar as bikes da galera. De graça também.

De cara, pude perceber que o casal combina. Levam uma vida ativa com compromissos e projetos à vista a cada dia. Na sexta teve o vinho com Sabrina e Priscila; no sábado já tinham um show do rapper Criolo para ir; no domingo à tarde almoçariam em um restaurante chinês com o amigo Maurício no bairro da Liberdade e à noite planejavam assistir a uma peça de teatro gratuita. Tudo isso somado às tarefas de hospedagem de três pessoas nesses dias. Apenas com a disposição, o casal deixou claro que os fins de semana não servem neces-

sariamente para descansar o corpo, sugerem exercício social.

Fabricio se apresentava mais metódico, sério e não por isso menos generoso. De cabelos grandes até os ombros, finos óculos de grau e uma barbicha grande, o magro estudante de filosofia tinha toda a calma do mundo para falar e explicar o seu ponto de vista claramente, ainda que seja para lembrar Juli que o banheiro precisa ser lavado. Ele ostenta uma tatuagem de quadro de bicicleta na panturrilha direita.

Juli parece que puxou essa influência de Fabricio, de exprimir suas frases claramente sem entrecortes, mas se diferencia pelo riso mais solto, por propiciar um papo mais descontraído. A produtora cultural tem os cabelos mais curtos que os de Fabricio, é magra e também usa óculos.

O casal não vive sozinho, entretanto. Paco é um gato preto de oito anos de idade. E, para minha surpresa embasada em um histórico malfadado com experiências com felinos, é muito simpático. Não me estranhou, gostava de brincar e subia no colo sempre que podia. Paco é considerado o bebê do casal. Além de comer, brincar e dormir, as atividades do Paco, como chamam os donos, são: matar passarinhos quando estes se distraem dentro do apartamento e comer as ervas para tempero que Fabricio e Juli plantam. Ele é maroto, finge que não é com ele, mas está mirando a plantinha no vaso do outro lado do apê. Frente a esse fato de relativa importância, Juli e Fabricio alertaram os hóspedes de que sempre que vissemos a porta do quarto deles aberta, nós poderíamos fechar mesmo sem avisar.

A conversa matinal foi interrompida, pois outros surfers, um casal de portugueses, estavam chegando e Fabricio iria buscá-los em uma estação de metrô próxima.

Entraram pela porta Ricardo e Isabel. Isabel Afonso: uma menina pequena, pele bronzeada, simpática e falante, de 24

anos. Ricardo Medina: um rapaz grande de pele morena, cabelos curtos e barba cheia que quase desmentem seus 22 anos. Os portugueses são naturais do Porto e vieram para o Brasil procurar trabalho. A estadia dos dois era diferente da minha. Se a minha temporada na casa de Fabricio e Juli já estava quase na metade (era meio-dia do sábado e eu iria embora às 16h do domingo), a passagem dos lusos começava neste sábado e continuava indefinida. Eles disseram aos hosts que precisavam ficar pelo menos uma semana procurando emprego, mas se o cronograma se esticasse, gostariam de ficar um pouco mais indefinidamente. Juli e Fabricio entenderam a situação e aceitaram. Ao cabo da hospedagem, eles ficariam quase dois meses no apartamento.

Os dois recém-chegados nem chegaram e já tinham de sair. Era a hora do almoço e Isabel se ofereceu para fazer um arroz com frango ao curry. Enquanto Fabricio arrumava a casa, fomos a pé ao supermercado eu, Juli, Ricardo e Isabel. Permeando quase todos os assuntos da turma formada, estavam, definitivamente, as diferenças da língua portuguesa lusa e da brasileira. A pronúncia fechada, as vogais finais não faladas e algumas expressões distintas faziam eu e Juli rir muito. O casal português ria junto. Por exemplo: não existe leite integral em Portugal. Por lá estão os leites gordos. A lógica é a mesma para os desnatados e os semi-desnatados: magros e meio-gordos, respectivamente. Julia não se conformava com a variação linguística e ria enquanto escolhíamos os filés de frango.

Juli foi escolher o café. Fabricio a instruiu a pegar um café orgânico. Juli e eu analisamos muitas embalagens de cafés: as baratas, as caras, as nacionais, as importadas, as com selo disso e selo daquilo. Juli explicou que só depois de um episódio numa hospedagem de Couchsurfing eles começaram a apreciar um bom café. Em uma das primeiras experiências como hosts, Juli e Fabricio hospedaram um argentino. A passagem

foi rápida e a interação foi boa, mas nada profunda. Muito pela razão de os dois estarem atolados de trabalho. Na hora da despedida, o “hermano” regalou aos dois uma embalagem de pó de café, um coador e um filtro.

“Na hora a gente entendeu como uma gentileza. Normal, né. Só depois a gente se tocou que não oferecemos café para ele. Tipo, nem café. Uma coisa que um argentino espera de um brasileiro”, disse Juli.

“Foi mais um toque mesmo, uma dica pra ser mais hospitaleiro. Tipo: ‘olha, tem coisas que não custa fazer’. Oferecer um café. Não custa nem tempo e nem dinheiro”, completou Fabricio.

Enquanto eu ajudava as garotas com os afazeres da cozinha, os rapazes foram comprar cerveja. Juli passava pano no chão e eu e Isabel cortávamos os filés de frango e cebolas. A cerveja que sobrou na geladeira já estava em nossos copos. Enquanto isso, na praça Roosevelt, andavam uns skatistas e, de longe, pude notar que eu estava no terceiro andar do prédio. À esquerda, via-se o minhocão e os carros passando à altura dos apartamentos. “Um absurdo”, disse Juli, “muito mal planejado, imagina ter carro passando na sua janela toda hora?”. À direita, existe a Escola Estadual “Caetano de Campos” do bairro da Consolação. De onde via, não havia escola, apenas mato e ruínas que antes eram salas de aula. “Aos domingos a escola libera para umas atividades e tem música”, disse Fabricio que há pouco chegava com Ricardo carregando uma sacola cheia de garrafas de cerveja. Eram quase 15h.

O tempero de curry do frango já cheirava quando tocou “Balada do Louco”, dos Mutantes, e Fabricio falou sobre a especulação imobiliária de São Paulo. “Eu tenho esse apartamento já faz muitos anos. E não parece, mas um aluguel aqui é R\$1500. Um apartamento com um quarto, sala, banheiro e cozinha”, exclamou. A região inteira valorizada com a revi-

talização da Roosevelt e a proximidade do centro da cidade fizeram com que a especulação penetrasse ainda mais por ali.

Arroz, frango ao curry e cerveja. Que tarde. Não conversamos muito enquanto comíamos. Repeti o prato e, como impõe a educação e a justiça de quem não ajudou em nada e bebeu cerveja, lavei a louça. Eram 16h e às 18h, Juli, Fabricio e sua sobrinha iriam a Osasco ver o show de Criolo. Para mim era tudo ou nada, ou fazia as entrevistas naquele momento ou minha viagem... Não, ela não seria perdida, mas eu precisava da entrevista para começar este livro.

Fabricio fez mais uma jarrinha de café que encheu uma xícara para cada um. Enquanto recebia a xícara, eu pedia se poderia entrevistá-los naquele momento, os quatro, pois ficaria difícil fazê-la em outra oportunidade. Ricardo e Isabel concordaram enquanto revezavam-se no notebook Mac. Fabricio disse que não havia problema, contanto que eu não me incomodasse que ele respondesse as perguntas enquanto lavava o banheiro. Juli assentiu e começava a tirar o pó do chão de tacos de madeira.

Perguntei sobre a primeira acolhida deles dentro do Couchsurfing. Era 2008 quando entraram na comunidade, mas a primeira experiência desse tipo foi com um parente. O primo de Fabricio se hospedou ali por um tempo indeterminado. Ainda tateando as convenções e regras que anfitriões devem passar, o casal deixou as rédeas soltas, afinal era um primo. “Essa foi a primeira experiência nossa parecida como Couchsurfing. E foi ruim”, falou Fabricio. “Depois disso a gente virou caga-regras. Sabe, caga-regras? Então. Vomitamos um monte de regra. ‘Não pisa nesse tapete com sapato’, ‘coloque a mala nesse lugar’, ‘fecha a cama’”, disse Juli. Naquela hora, avisei que estava pisando o tapete com o meu tênis. Eles riram e disseram que haviam mudado.

A mudança veio a partir de uma experiência no Recife, no

carnaval. Via CS, eles foram recebidos, conforme o relato de Fabricio, por uma “freira muito progressista” chamada Celi-na. “Ela saía e deixava a chave com a gente. A geladeira com cerveja. Sempre trazia comida. Ela estava preparada para o encontro. Não era só ‘beleza, vamos conversar’. Ela queria estar preparada para o encontro. Queria receber melhor as pessoas a partir daí”, contou ele.

Depois dessa experiência eles viram que despejar regras no hóspede não é bom para a relação entre surfer e host. Mas nem tanto. Eles lembram que a ausência de regra também deixa a pessoa desconfortável. Dizem que é quase que obrigatório falar dessas orientaçõezinhas, abrir o diálogo. No caso de Fabricio e Juli, a cama era uma grande questão. “É um sofá-cama. Pra dormir ela é muito confortável, dá pra dormir tranquilo. Mas se você não fechar ela, a gente perde mais de 30% da casa. São coisas simples, mas os problemas vão de coisas muito pequenas que vão acumulando e vão prejudicando a experiência”, disse Fabricio com ênfase e ao longe, lá do banheiro.

Ricardo e Isabel pararam de mexer no computador e ouviam atentos.

A chegada de um estrangeiro em um lugar, seja ele de outro país ou do seu bairro, necessita de uma empatia de host e surfer, que, diga-se, é extremamente pessoal e imprevisível. A química desse encontro depende dos mais inúmeros aspectos humanos e a procura de pontos de personalidade em comuns é a chave para que, como denominam Juli e Fabricio, a experiência do encontro ocorra. No início, os dois reclamavam do tempo. Já avisavam no perfil do CS que trabalhavam e mostravam que se o viajante quisesse ser recebido por eles, ele seria um “viajante autônomo”. “É verdade, ainda mais em São Paulo, o tempo te atropela”, falou Juli. “Mas isso mudou pra gente. É uma coisa de muita gente isso. Da relação com

o tempo. Essa coisa de opressão do tempo é uma mentira. É uma questão de prioridades. Não que você não tem tempo, é que você não quer contar que tem outras prioridades. E você só consegue lidar com isso aos poucos”, afirmou Fabricio.

A empatia necessária para a experiência do encontro acontecer é transformada pela palavra “onda”, que Fabricio gosta de usar. Expressão argentina, “dar onda” é uma coisa boa; “buena onda” é uma pessoa “gente boa”, na expressão brasileira. “É claro que a gente vai ter muito mais tesão se perceber um interesse em comum”, disse Fabricio. Os tais interesses são, segundo eles: o teatro (os dois são atores, mas “a contra-gosto”, brinca Fabricio), questões políticas, urbanísticas e causas sociais em geral.

“Se o interesse da pessoa é sair de balada na noite de São Paulo, eu falo dos lugares, ajudo a chegar, tudo. Mas não vou me empolgar”, contou Juli. Ela diz que é diferente do que procurá-los para saber do teatro de São Paulo ou de urbanismo. O exemplo dado é do casal de franceses que moram na periferia de Paris, trabalhavam com projetos sociais de lá e vieram para São Paulo. “Eles simplesmente fizeram uma sequência de fotos de ocupações na cidade. Foda. E nem se hospedaram aqui. Eles pediram para nos conhecer pelo Coffee or Drink”, explicou Fabricio.

Ou então a história do dinamarquês arquiteto que foi com a esposa para lá e queria conhecer a obra do arquiteto Paulo Mendes da Rocha que tinha acabado de vencer o prêmio Pritzker, premiação expoente da arquitetura mundial. O laureado tem como obras principais suas o pórtico da praça do Patriarca, localizada no bairro da Sé. Fabricio disse que já conhecia de nome, mas nunca havia visto uma obra do urbanista. Aí se formou uma mediação entre os dois couchsurfers. A mediação era a arte guiando os dois olhares estrangeiros. Era tudo novo para os dois e o interesse, mútuo.

No entanto, Juli ponderou: “Se ela [pessoa] não tiver nenhum interesse em comum, ela pode ficar também”, disse Juli olhando para Fabricio. Ele concorda e diz que existe uma “frescura do CS”: uma convenção que obriga uma atenção especial do surfer para com o host ou, como prefere Fabricio, uma “exigência da experiência”. “Você está na minha casa e tem que virar meu amigo. Tem que ficar até de madrugada contando histórias e não acordar de manhã pra ver a cidade. Não precisa acontecer sempre uma coisa com você. Eu, o host, não sou a sua viagem”, disse Fabricio. Exemplificando, ele ainda citou cidades com maior influência da rede que São Paulo como Paris, Rio de Janeiro e Amsterdã em que a hospedagem apenas é possível pela tática do convencimento. “Convença-me. Por que você merece ficar na minha casa? E perfis do tipo ‘leia todo o meu perfil e no meio vai ter uma pegadinha que você tem que repetir na couchrequest’”, disse Fabricio.

“Pegadinha no perfil? Ah, anota a minha cara agora!”, Juli falou para mim. Seus olhos estavam arregalados, as sobrancelhas franzidas, a cabeça inclinada para a esquerda e tinha um sorriso irônico seguido de um alto “rá”.

O CASAL SEXAGENÁRIO

Já eram 17h ou 18h e meus sucos já haviam sido bebidos e aprovados pelos degustadores do Cooksomething, mais por aqueles que não ingeriam álcool. A maioria ficava na cervejinha que permanecia ao alcance de todos em muitos fardos na geladeira. Luiz não segurava uma garrafa vazia e brincava que as garrafas já chegavam furadas para ele. Os papos seguiam bem, muitos levados em grupos de amigos e outras conversas de gente que acabava de chegar e se conhecer.

Jorge chega e, sem saber, muda o rumo da reunião. O português Jorge Mateus é natural do Porto, tem 23 anos, é alto de cabelos claros. Veste uma camiseta da ESN, organização de intercâmbio europeu chamada Erasmus. É educado, mas ainda sim é um jovem rapagão que quer se divertir e, sem embargo, trouxe três garrafas de destilados: cachaça, vodka e rum. Essa era a sua contribuição para o Cooksomething.

Depois de cumprimentar os anfitriões e comer alguns aperitivos, a reunião social transformou-se num evento. O que

antes eram bons papos em que a música ambiente era mais notada que as vozes das pessoas, agora todos teriam algo para prestar a atenção: o drink Mongolian. O drink consiste em combinar três bebidas diferentes, de maneira que o resultado seja trifásico, ou seja, que possamos ver cada um dos líquidos no copo. Pois bem, aprenda o Mongolian: separe um copo de vidro e coloque uma dose de Coca-Cola. Depois despeje em uma colher uma dose de cerveja e, suavemente, entorne no copo com coca. Faça o mesmo processo da colher com a vodka e... Voilà. Temos uma festa.

Todos os jovens se voltaram para a nova atração. Alguns mais velhos permaneciam a conversar e beber cerveja, ressa biados com o novo drink e outros, também experientes, aderiram à experiência do Mongolian. Pelo alto teor etílico da mistura ou da persistência das garrafas de cerveja continuarem a vir “furadas”, os convidados do Cooksomething se soltaram. E só depois da virada na tarde dos couchsurfers é que pude me aprofundar nas histórias dos então anônimos que via ali.

Claro que perguntei a Jorge sobre a origem do nome Mongolian. O drink imita as cores da bandeira da Mongólia (marrom, magenta e branco), mas é originário da Polônia. Jorge aprendeu a preparar a bebida durante suas viagens pela Europa nas festas de uma organização de estudantes de engenharia e informática de que fazia parte. O português veio para o Brasil a trabalho e está há três meses aqui. Viria apenas para um período de estágio da empresa, torceu para ser transferido e recebeu a resposta positiva. “Não foi só pela crise econômica. Queria morar fora, sair da minha zona de conforto”, falou Jorge que também enviou currículos para Hungria e Polônia.

No Brasil, o luso conta que mora em um apartamento pequeno de dois quartos, mas que vive em três pessoas. André, também português e colega de empresa, dorme no sofá em regime fixo, pagando aluguel. Iria ficar por algum tempo ali

até encontrar outro canto, mas acabou ficando. “A gente fica ali na zona de Pinheiros, Higienópolis, perto de tudo. Ai, caralho! Zona não. Ali na região de Higienópolis. Zona é zona em Portugal!”, explicou-se, rindo, para discriminar sua casa de um prostíbulo.

Diz que em 2009 resolveu viajar de “comboio” (trem em português lusitano) com um amigo de escola pela Europa. Passou pelos Balcãs, Itália, Eslovênia, Búlgaria e Romênia. Em muitas oportunidades foi de Couchsurfing. Em Brasov, cidade romena de cerca de 200 mil habitantes, famosa por ter ursos andando pela cidade no inverno, Jorge ficou duas noites na casa de uma mulher. Como trabalhava, a host não tinha tempo para interagir com Jorge e seu amigo. “Foi uma experiência neutra, mas muito legal porque ela deixou a chave com a gente”, diz. Foi sua primeira experiência de Couchsurfing. Ele dormiu no sofá da casa e não viu nenhum urso.

Em Sofia, Búlgaria, Jorge disse que teve, pela primeira vez, uma conexão forte com um host. Ficou por lá apenas uma noite na casa de uma mãe e o filho. O filho mostrou a cidade para o português durante o dia, e à noite a mãe preparou uma refeição que levava castanhas, vinho de maçã e aguardente. Apesar de ter odiado a comida, Jorge teve uma “ideia mais clara” do que era a comunidade que estava participando e daquelas pessoas com que estava vivendo por apenas um dia.

Depois da viagem, Jorge se sentiu obrigado a receber surfers também. No Porto, na casa de seus pais, recebeu muitas pessoas, entre elas um israelita. Toda a família de Jorge gostou da experiência, em especial sua irmã, que bancava a tradutora da família quando o viajante de Israel falava meio em inglês e meio em hebraico.

A missão presente no perfil do CS de Jorge é “Rockin’ Brazil! And maybe join a music band :)”, com emoticon e tudo. Ele toca gaita e é fã do estilo brit-pop, em especial da clássica

banda britânica Stone Roses. Já viajou pelo litoral norte de São Paulo (também via Couchsurfing) e foi ao carnaval do Rio de Janeiro. Esta última viagem definida “como uma experiência próxima ao fim do mundo” devido à quantidade de álcool e “pegação”, como ele dizia.

“ I’m a leonine, nobody tell me what to do

, Luiz falava alto para os estrangeiros presentes ao Cooksomething. Mais tarde ele me contaria a mesma história em português que remontava aos seus tempos de juventude. Ele dizia que gostava de fotografar e quando foi a uma cerimônia do candomblé o chefe da celebração disse que ele seria mesmo um fotógrafo. Aí ele repetia, agora em português, a frase que evocava a sua natureza astral: “Sou leonino, ninguém me diz o que fazer!”.

Luiz Carlos Cavalcanti é um senhor de 61 anos. À primeira vista, parece um tanto sisudo, mas adora uma conversa com qualquer um que queira escutá-lo. Sempre com uma cerveja ao lado. Apresenta um bom nível de inglês, comunicando-se com naturalidade com os gringos. Vestia uma camiseta oficial do São Paulo Futebol Clube, agremiação do qual é fanático a ponto de “batizar” o neto no campo do Morumbi e colocar a imagem do acontecimento em seu perfil do CS.

Luiz é empresário e dono de uma companhia que vende e repara máquinas de corte a laser de grandes estruturas. “Sabe aquelas reformas de túneis da serra de Santos, que dão congestionamento? A gente que fez, agiliza muito mais o processo”, conta orgulhoso. Sua esposa é Luzia, mulher quieta, sorridente e, que pela feição, gosta de ver a casa cheia de gente. Está sempre a postos para corrigir alguma lembrança que escapa à memória do marido contador de histórias. Nomes de cidades, conhecidos, datas. A governanta que fala pouco está atenta para retificar gentilmente os detalhes dos causos

do companheiro.

A entrada do casal na comunidade do CS aconteceu em 2010, quando o filho de 19 anos saiu inesperadamente de casa e a cachorra da família morreu. A casa ficou vazia e o tempo ocioso demais. “Fomos pegos de surpresa. A única namorada do garoto era o videogame e, de repente, ele tem um filho e sai de casa. Aí a cachorra morre de câncer. A gente tinha que fazer alguma coisa”, explica Luiz. A primeira incursão dos dois no mundo do Couchsurfing foi em uma caminhada comentada por uns amigos. Luiz lembra que ele e Luzia estavam meio acanhados pela grande quantidade de jovens, mas depois descobriu que “no final tudo acaba em cerveja”. Então eles continuaram.

Naturalmente, a primeira hospedagem demorou um pouco a aparecer. Eles participavam dos meetings para conhecer as pessoas e entender como funcionava esse tal de Couchsurfing. Era 2010. Agora, em 2013, estão listados 28 referências de surfers que ficaram hospedados na casa dos Cavalcanti. As exigências dos anfitriões para darem o aceite do couch são: enviar couch request com antecedência de quatro dias; saber que eles não fumam e têm um cachorro (um outro agora); vir em, no máximo, duas pessoas (exceção para famílias); ficar no mínimo um dia e tomar conhecimento de que o casal os estão recebendo pela “troca de culturas” e não por servir de hotel de graça. Eles até determinam horários de check in e check out: das 6h30 à meia-noite.

O primeiro surfer a conhecê-los foi um casal inglês, Glen e Steve. O casal brasileiro adorou o senso de humor “refinadíssimo” do inglês. Luiz se lembra da brincadeirinha que Steve fez quando perguntaram a ele, erradamente, se ele era retarded (retardado) tentando referir-se a retired (aposentado). A reação de Steve foi dizer que era “retarded and retired”. Luiz gargalhava ao contar.

Outra boa experiência foi com uma argentina chamada Analía. Depois da estada na casa de Luiz e Luzia, a surfer iria para uma reserva da serra de Ubatuba para observar pássaros. Um hobby cultivado por suas pesquisas de proteção ambiental e convidou-os. Eles foram. “Foi uma pessoa e uma experiência incrível”, Luiz disse.

Nada incríveis e um tanto incômodas foram duas experiências ruins que o casal Cavalcanti vivenciou hospedando no CS. A primeira foi a de um argentino folgado. “Usava o micro até tarde, comia da nossa comida e não dizia quando ia embora. Havia passado uma semana e ele lá”, recorda Luiz. Pesquisando suas referências no perfil do CS, Luiz percebeu que suas passagens pelos couches duravam semanas e até meses. Luiz o convidou a retirar-se.

A segunda malfadada experiência de hospedagem foi com uns japoneses, referidos por Luiz como “aqueles japoneses loucos”. Eram um casal e uma filha pequena. Vieram para o Brasil para ficar e não falavam o português. Trancavam-se no quarto (aquele vago deixado pelo filho ao sair de casa), conversavam apenas entre eles e usavam a internet. Luiz espantava-se como a cultura dos nipônicos era drasticamente diferente da sua ocidental. A criação da menina era problemática: ela era alimentada apenas com chá e arroz, além de não utilizar o banheiro da casa e fazer cocô em um jornal. Eles também estenderam demais o tempo de permanência e não mostravam interesse em buscar outro teto. Foram convidados a ir embora. Depois, quando Luiz e Luzia contataram o casal para saber notícias deles, souberam que a menina estava em um hospital doente.

Os copos iam ficando vazios, os tímidos mais desenvoltos e os já falantes falavam mais alto. Luiz agora contava histórias de suas viagens pela Argentina. Passou por Córdoba, Mendoza, e, para ele, a maldita Buenos Aires. “Os argentinos de Bue-

nos Aires são uma merda, metidos pra caramba”, blasfemou. Lembrou-se de duas situações vividas na capital argentina, naturalmente, acompanhado de sua esposa.

(É bonito como, mesmo longe um do outro dentro do mesmo cômodo, seus olhares se cruzam, sejam para leve re-preensão de Luzia ou sutil entrega de Luiz a ela. Luzia lavando talheres e ele bebendo).

A primeira situação remonta de um atraso de um voo para Mendoza. Por urgência, Luiz comprou um relógio por lá, daqueles baratos. Estavam para embarcar, já dentro do táxi, quando o taxista perguntou a hora de partida do avião. Estavam atrasados em uma hora. “Maldito relógio argentino”, amaldiçoou. A outra situação foi consentida como comum por dois dos cinco ou seis ouvintes das histórias de Luiz que ficavam apoiados ao mezanino da cozinha improvisada. É o golpe da tinta amarela para tapear turistas. Um ladrão lança uma tinta amarela na roupa do estrangeiro para distraí-lo. Enquanto ele se assusta com a tinta e coloca seus pertences no chão, outro golpista vem e os rouba, sorrateiro. Luiz conta que isso aconteceu em sua frente quando outro turista passava por ele e Luzia.

Nessa viagem pela Argentina o par hospedou-se via Couchsurfing. Por uma noite. E no verão. “A família era muito legal, simpática e tal. Mas a gente ficou num galpão de teto de amianto. E aquilo esquentava, cara, eu não parava de suar. Não aguentava o calor da soleira, passei a noite inteira molhado. Ah, não aguentei. No dia seguinte falei para a Luzia: ‘vamos para um hotel com um ar-condicionado’”, desabafou. Dava para sentir o calor do verão argentino em sua fala. Mostrava-se geralmente sério durante a construção de suas histórias, mas ao final, Luiz gargalhava. Uma suspeita: a sisudez de manter sempre a boca fechada talvez fosse pela vergonha de mostrar os dentes. No entanto, mesmo com a boca fechada,

era fácil perceber a felicidade do homem.

A roda de conversa de Luiz se desfez. Fui vagar pelo saguão procurando alguém interessante para conhecer. Puxar papo, eu refletiria mais tarde, é uma das coisas que os couchsurfers estão mais acostumados a fazer. Como um hábito. Quase todos os dias e com certeza a toda semana entoam a clássica sequência de saudações e perguntas: “Oi, tudo bem?”, “como você chama?”, “de onde é?”, “faz o que da vida?” e outras variações de introduções a conversas que talvez parem por aí, ou talvez levem a uma relação significativa ou, quem sabe, a uma amizade. Essa possibilidade de criar um laço de afeto, uma boa conversa de uma noite apenas, ou mesmo um romance é que movem os membros do CS a puxarem papo.

EMBAIXADA BOLIVIANA

Sueli Vidal tem 45 anos (o perfil do CS diz 33), é brasileira, mas seus pais e o resto da família são bolivianos. Ela tem os traços indígenas de um boliviano: cabelos lisos e pretos, rosto arredondado e um sorriso largo. Ela é formada em administração de empresas e presta serviços na área de pesquisa de mercados para o Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística, o Ibope.

Sueli é novata no CS. Seu perfil é conciso, contendo informações sobre sua predileção por HQs e suas impressões sobre Machu Picchu e o lago Titikaka, lugares onde “o tempo parou” para ela. Não há missão descrita no perfil. Ela sabia da rede desde 2010, mas atendeu a sugestão de uma amiga apenas em outubro de 2012. Nunca viajou ou se hospedou do jeito CS, mas é frequentadora dos meetings e eventos do grupo de São Paulo. Ela também participa dos encontros do grupo Exchange Language que promove o contato de gente que quer ensinar e aprender novas línguas. Sueli é fluente no

espanhol e está aprendendo o inglês.

Apesar de sua pouca atividade nas hospedagens do CS, ela diz que sempre adorou viajar e que quer, no futuro, fazer uma viagem de volta ao mundo. E, como ídolo de viagens, ela tem Eduardo Delpiano, um argentino que vive de lugar em lugar, caçando trabalho aonde o queiram. “Você tem que conhecer ele, é uma pessoa impressionante”, dizia.

Algum tempo depois, eu troquei poucas mensagens com Eduardo. Ele confeccionava armaduras de couro medievais para vender, trabalhava no hostel City Lights em São Paulo e ansiava voltar para a Argentina. Tinha 40 anos (mas 33 no perfil do CS, a exemplo de Sueli). Após um tempo, ele não respondeu mais minhas perguntas. Sueli me informaria que Eduardo roubara o hostel e fugira de bicicleta para a Argentina. Ele já viajou por Couchsurfing para Bogotá e recebeu australianos em sua antiga casa no Chile.

Como vive com a mãe e o irmão, Sueli não pode hospedar ninguém em sua casa e se dispõe a mostrar a cidade aos estrangeiros. Ela começou assim, através da opção Coffee or Drink, mostrando o centro de São Paulo para visitantes e depois os levando ao meeting do Açaí Bar. “Foi surpreendente conhecer tantas pessoas abertas, com tantas histórias e dispostos a compartilhar”, diz a moça que se acostumou, quando menina, a fazer o trajeto São Paulo - La Paz ou São Paulo - Santa Cruz de La Sierra. De ônibus, são no mínimo dois dias de viagem para qualquer um dos trajetos.

Até os 25 anos de idade ela viajava pelo menos uma vez por ano até a Bolívia. Depois perdeu o hábito, mas afirma estar retomando o gosto por viajar. Passou por vários “Departamentos” na Bolívia, equivalentes aos Estados do Brasil, além de viajar para Cuba, Argentina, Chile e Paraguai.

Para reforçar a sua vontade em ajudar estrangeiros, Sueli conta que, há 10 anos, estava passeando com seu cachorro,

perto do Morro dos Ingleses, região próxima à avenida Paulista. “Vi uma chilena perdida. Ela não sabia onde era o hostel, não sabia português nem sabia bem onde estava. Saímos perguntando na banca de jornal onde tinha um hostel perto e a levei”, relembra acrescentando que depois elas foram juntas a um amigo fazer o tradicional programa paulistano do pastel de feira e caldo de cana.

“Ah, minha casa funcionava como embaixada para os bolivianos, tem muitas histórias desse tempo”, fala Sueli, sem a menor cerimônia dos tempos de significativa imigração boliviana que o Brasil (em especial São Paulo e Mato Grosso do Sul) viveu nos anos 1980, época em que Sueli era uma criança de aproximadamente dez anos. Vale ressaltar que os bolivianos formam o quinto maior grupo de imigrantes morando no Brasil, tendo apenas menor número se comparado a americanos, portugueses, paraguaios e japoneses. Segundo o censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, são mais de 15 mil bolivianos vivendo no Brasil. A casa dos Ribera era um reduto dos bolivianos radicados em São Paulo. Localizada perto da Estação da Luz o destino era muito conveniente para aqueles que chegavam de trem à capital.

“Primeiro recebíamos parentes que vinham visitar o Brasil, geralmente para levar mercadorias. Depois, nos anos 80 e 90, recebíamos parentes e aparentados que vinham estudar no Brasil por causa do convênio existente. O Brasil oferecia bolsas para estrangeiros, era uma espécie de intercâmbio. Naquela época, o espanhol/castelhano não era tão difundido”, explica.

Quando se mora fora do seu país, segundo Sueli, a tendência é a formação de grupos com a mesma nacionalidade, por causa da afinidade entre culturas e problemas. Então, além dos aparentados dos pais de Sueli, os amigos dos amigos dos

amigos fa mália acabavam visitando esta embaixada improvisada boliviana. “Apareciam solicitações informais do tipo: onde eu compro tal produto? Onde posso ir? Fui roubado, e agora? Preciso de um documento, ou uma tradução. Daí veio a brincadeira que era a embaixada da Bolívia, porque começaram a vir e ligar na minha casa”, contou.

Como convivia ativamente com os bolivianos nativos, tornavam-se normais confusões em relação ao choque de culturas e às diferenças do espanhol com o português. Em uma viagem La Paz – São Paulo, à altura de Campo Grande, uma senhora de 50 anos levava um saco de folhas de coca para curar a gastrite. A trupe foi acometida por uma blitz da polícia. A senhora tentou explicar, mas só falava espanhol e os policiais apenas o português. Resultado, a droga ficou retida. “E ela reclamou da gastrite a estadia inteira dela”, Sueli lamentou saudosa.

Mais cômica é a história do rato. A mãe de Sueli e uma amiga boliviana pegaram um ônibus da Luz até o Bresser. Chegada a hora de descer, a mãe de Sueli avisa a amiga da próxima parada. A boliviana diz: “un rato” (“um momento”, em castelhano). E o ônibus entrou em polvorosa por causa da presença do suposto roedor.

De repente, ela insinuou, olhando nos meus olhos: “Você vai perceber uns padrões nos encontros do CS. Tem gente sempre querendo a mesma coisa. Não vou te contar, quero que você descubra”. Sueli estava falando de gente que usa o Couchsurfing como site de encontros amorosos. A menção valia, pois Sueli e outras mulheres de meia-idade estavam sendo cortejadas de maneira insistente naquela noite do Cooksomething, como observei alguns minutos depois, por um inconveniente convidado.

TEQUILAS E O FIM DO COOKSOMETHING NA RUA AUGUSTA

A noite já havia tomado o bairro de Santa Cruz e o Cooksomething havia mudado também. Muitos dos mais velhos já se despediam para aproveitar o sábado à noite de outra maneira. Luiz continua a beber cerveja e a contar histórias, porém com menos intensidade e ouvintes. De significativo, poucos casais ficaram. Andy e a namorada Maria foram um deles. Enquanto Maria conversava baixinho com poucos, Andy proclamava seu amor por ela depois de algumas doses de tequila. Estava feliz.

A tequila foi trazida por Wilson Lima, um rapaz franzino, tímido e novato no CS. O perfil de Wilson é inativo. Não possui missão, não pertence a nenhum grupo, tem uma taxa nula de couch requests respondidos, tem dois amigos e nenhum voucher. Ele segura um copo azul em sua foto de perfil do Couchsurfing.

Pode-se notar sua introversão em momentos sóbrios e alcoólicos, a diferença é apenas o tom de voz e a necessidade de

impressionar as moças. Ele, agora, as incentiva a beberem a tequila que havia acabado de comprar em um mercado próximo ao apartamento. Nada que fosse condenável, mas sua embriaguez estava destoando da dos outros. Wilson era o chato da festa e, claro, não percebia isso.

O drink “Mongolian” fazia sucesso. Já junto à churrasqueira no fundo do salão de festas, o ritual da bebida tornava-se mais elaborado. Os bebedores teriam que ajoelhar-se e repetir palavras de ordem em voz alta. Se uma mulher participasse da cerimônia mais europeia que mongol, ela ganhava um beijo no rosto. Se fosse um homem, ganhava um tapa na cara vindo de uma moça. Quando as garrafas de rum, vodka e gim acabaram, as tequilas (ouro e prata) de Wilson vieram bem a calhar e serviram para a mesma cerimônia.

Mulheres de quarenta e poucos anos como Sueli Vidal gostavam de participar e brincar, mas mantinham uma distância dos homens. Barreira essa que Wilson não hesitava em ultrapassar. Fixava os olhos embriagados no decote de uma, pegava uma dose de tequila para outra, ignorando os olhares desgostosos delas. Uma delas era Glória Mitie, uma japonesa professora de inglês que não aguentou a pachorra e disse, sem constrangimento, mas sem olhá-lo nos olhos: “Cara, sai daqui! Você é muito chato!”. Sorrindo, Wilson bebeu a dose de tequila que entregaria a ela e voltou ao grupo dos mongolianos. Mitie me contaria mais tarde que era veterana das festas do grupo de São Paulo, era assídua mesmo antes de Andy ser embaixador. Trocamos contatos e marcamos de conversar em outro momento. Agora ela queria beber mais Mongolians. Ela bebeu e Jorge deu um beijo em sua bochecha.

Pouco antes da reunião de desconhecidos tímidos se tornar uma festa de íntimos estranhos regada a álcool, havia chegado duas garotas argentinas e um, a meu ver, também argentino. Vestiam blusas de lã e bermudas; as meninas pisavam sandá-

lias e ele um chinelo Havaianas. Magros, rostos finos, cabelos lisos, pretos e descompassados no comprimento. Os três falavam castelhano. Tinham vinte e poucos anos como eu. Trouxeram um refrigerante peruano de sabor cítrico chamado Inka Cola e quitutes vegetarianos. Elas vinham para um encontro nacional de malabaristas que aconteceria no dia seguinte no vão-livre do Masp, Museu de Arte de São Paulo. Ele se chama Ricardo e as estava hospedando. Ricardo é brasileiro, para minha surpresa. “Não sou argentino de sangue, cara, mas sou de coração”, disse bem-humorado. Contou que já viajou por seis meses para a Argentina, por um intercâmbio da universidade. Ele cursa Gestão Ambiental na Universidade de São Paulo, campus USP-Leste. Contou também que é permacultor e cria minhocários (locais de criação de minhocas para formação de adubo) inovadores sustentavelmente. Passa a maior parte do seu tempo em função da ONG que toca: seu local de trabalho, onde mora e recebe Couchsurfers. Simpático, queria contar mais histórias. Claro que as ouviria em outra oportunidade que não fosse nesse sábado à noite, junto a bêbados gritando num salão de festas alheio que, graças a Wilson, tornaria a festa ainda mais alcoólica e inconsequente.

A reunião já beirava às 22h e quase todos já tinham ido embora. Apenas ficavam os jovens, aqueles que esperam mais da noite de um sábado. O clima era de fim de festa. Jorge, Ricardo, Zoe, Rakky, as argentinas e Sueli, já tinham ido embora. Muitos outros que por algum motivo não conversei também se foram. Sobravam Andy, Maria e Mitie arrumando a bagunça da festa. Também fui ajudar. Enquanto pegava copos plásticos e recolhia restos de comida, percebi que Wilson retirava algo de uma sacola. Era uma roleta de cassino portátil, daquelas em que cada cor e números representam um copo de dose de destilado.

“Cara, porque você traz um negócio desses pra cá?”, disse

Joel, um amigo não-Couchsurfer que me acompanhava aquele dia.

“Ué, comprei e trouxe”, respondeu Wilson levemente constrangido.

A cada bola lançada na roleta, mais um copo bebido e a sala cada vez mais silenciosa. Luzia não se importava tanto e continuava a lavar talheres. Luiz claramente não gostava da situação e se afastava, agora bebendo sozinho. No jogo estava uma garota que não tinha visto na festa. Era Bia Schittino, 20 anos de idade, estudante de Marketing de São Bernardo do Campo e novata no CS. Conheceu o pessoal do grupo de São Paulo no evento de Thanks Giving em 2012. Bêbada e feliz, ela contou que foi à primeira reunião sozinha, “com a cara e a coragem”, e cultivava amizades no CS que duram até hoje. Estava acompanhada de um rapaz calado, poucos anos mais velho que ela e que não bebia porque estava dirigindo.

Os últimos goles de tequila chegavam ao fim e a festa havia findado há tempos. O parceiro de Bia, que não falava muito, ofereceu carona. Wilson gritou: “Vamos pra Augusta!”. Despedi-me de Luiz e Luzia. Agradei pela hospitalidade deles e pensei que já estavam agradecendo aos céus por estarmos indo embora.

Wilson estava excessivamente agitado e conjecturava uma noite incrível para o grupo formado por mim, Joel, Bia, o talvez namorado dela e ele. Falava de ir numa balada na rua Augusta. “Não deve ser tão caro, vamos gente”, gritava. Enquanto isso, Bia também se mostrava agitada e queria sair pela noite paulistana. Seu amigo falava baixo e a advertia que estava bêbada demais para sair. De súbito, ela transformou-se: encontrou um pacote de camisinhas no porta-luvas enquanto o carro entrava na avenida Paulista.

“O que é isso aqui? Com quem você vai usar isso? Comigo é que não vai! Você está louco!”, esperneou. Ele relevava

o escândalo e dirigia. Eram apenas preservativos. O irascível ataque de ciúmes sem sentido tomava outras proporções ao passo que Wilson presenciava tudo. Para todos no carro, era um desconhecido, mas isso não o impedia de dizer em voz alta:

“ Eu te amo, Bia! Você me ama?”

Ela não respondia. “Bia, vamos sair com a gente! Você gosta de mim?”, insistia Wilson mesmo sabendo que um possível namorado da garota estava dirigindo o carro em que ele estava pegando carona. Houve um silêncio entre a briga do casal da frente e, enquanto isso, Wilson, sentado no meio do banco de trás, digitava em seu perfil do Facebook em um smartphone: “Saindo da festa do CS e indo com uns amigos para a Augusta...”. Bia lembrava o episódio das camisinhas e voltava a querer sair do carro. “Eu quero curtir! Me deixa sair!”, gritava. E, num movimento abrupto, jogou-se de costas para o banco de trás do carro justo no colo de Wilson. Metade das pernas no banco da frente e as costas no regaço desesperado de Wilson. Ele ensaiava carícias, xavecós. Passava as mãos nos braços morenos de Bia e continuava a perguntar se ela o amava. Ela se desvencilhou dele e aquietou-se, voltando ao banco da frente. Seu amigo, com a paciência de um monge, avisou que chegávamos à Augusta. Descemos eu, Joel e Wilson. Não estávamos a fim de balada, só queríamos beber cerveja em algum boteco com cerveja barata. Wilson nos convidava a comer pizza em três lugares seguidos e repetindo: “Vamos gente, eu pago!”. Irritei-me e disse que não queríamos o dinheiro dele. Sentamos em um sobressalto sob uma marquise no Baixo Augusta para beber. Wilson não falava nada, não bebia e apoiava-se sobre seus joelhos com a cabeça baixa. Vomitou na calçada atrapalhando o tráfego dos pedestres. Paramos um

táxi e colocamos Wilson para dentro do carro com destino a Jabaquara, seu bairro, imaginando que ele poderia pagar a corrida já que oferecia tequilas e pedaços de pizza em troca de companhia.

DAS EXPERIÊNCIAS DO ENCONTRO

“Essa é uma questão”, falou Fabricio, ele repetia a expressão quando tinha algo importante a dizer. “Para mim CS não é hostel de graça. CS é a experiência do encontro, mas também é hostel de graça”.

Fabricio já viajou muito pela América do Sul e muitos dos lugares que procurou abrigo foram hostels, lugares de hospedagem teoricamente mais baratos que hotéis e que remetem a uma ambiência da cultura mochileira, qual seja gente que viaja com pouco dinheiro e, principalmente, quer conhecer gente nova. Os hostels criam uma maneira de reproduzir isso e, para Fabricio, essa é uma clara forma de negócio turístico. As conexões de culturas podem e geralmente acontecem nos hostels, mas mediante contratos e regras que o hóspede pagou para usufruir e respeitar.

“No hostel, você se coloca como cliente e a hospedagem como serviço. Isso mata a viagem. Você mata a possibilidade do diverso. Você aluga a bicicleta, não empresta. Mesmo que lá tenha lugar pra lavar roupa, sala de convivência, etc. Aquilo é planejado para isso. E é aí que o Couchsurfing se

diferencia dos hostels. Os hostels tentando fazer tudo isso pra conectar as pessoas e o Couchsurfing dá uma puta volta nisso. Tira o dinheiro e deixa as pessoas”, argumentou. Mesmo que a intenção do encontro possa ser apenas de fachada para outros desejos como encontros amorosos ou a mera manutenção do ego de viajante, ainda sim, segundo Fabricio, isso é melhor que dinheiro. Observando alguém que se demitiu para viajar e agora estuda filosofia, é uma linha de pensamento coerente.

Para muitos membros do Couchsurfing, os próprios direcionamentos políticos da rede apontam para o CS como uma forma de conhecer novas culturas. Um meio mais fácil, rápido e intenso de conhecer gente. Mas não mencionam a economia de dinheiro que é óbvia e discriminada por aqueles que seguem a linha política da comunidade. Fabricio diz que “tem muita gente que não quer assumir que não há pressão financeira. Pressiona qualquer um: quem tem e quem não tem dinheiro”. Juli complementa lembrando que “esse dinheiro economizado pode proporcionar outros encontros. Continuar viajando e encontrar mais pessoas”. Ela ressalva que não viajou muito, fala mais pelas histórias de Fabricio, no entanto pensa que os encontros podem ser apenas pragmáticos. “A vida não é assim; não é de plenos encontros todo dia”, disse ela.

O dia era de sol na praia de Ipanema e um português se encontrava contrariado atrás de um computador buscando couchs para a próxima parada dele e de sua namorada: a cidade de São Paulo, na casa de Juli e Fabricio. Ricardo e Isabel ficaram uma semana na cidade maravilhosa curtindo o calor carioca antes de ir à terra da garoa procurar estabilidade e emprego. Por isso, o tempo em terras cariocas era precioso.

“Duas horas nessa coisa de encontrar as palavras chaves

aí no meio. Essa pessoa parece divertida, então vou escrever algo divertido. Essa pessoa parece apaixonada por tal coisa, vou escrever que estou apaixonado também”, desabafou Ricardo. Ele não hesita em dizer que não queria perder o seu dia tentando parecer interessado em pessoas que conhece apenas por referências de viagens e cultura pop. E Ricardo identificou-se quando leu a seguinte mensagem em um dado perfil do CS:

“ Não me importo com pedidos personalizados. Eu sei que a última coisa que você quer fazer é viajar e gastar o seu tempo na internet lendo perfis. Tenha certeza que seu perfil não tenha buracos, tome cuidado com seu nível de respostas e tenha referências!

“E foi muito isso o que aconteceu. Foi um alívio ler o seu perfil. Eu queria estar na praia”, exclamou Ricardo olhando para Fabricio. Lisonjeado ele disse que depois que colocou esta mensagem em seu perfil as couch requests vieram cada vez mais personalizadas. A outra opção do par português para hospedagem em São Paulo era um casal de mais de 60 anos que aceitava preferencialmente famílias. Chamavam-se Luiz e Luzia.

O perfil usado por Ricardo e Isabel era apenas de Ricardo. Isabel tinha ali a primeira experiência de CS, mas já se saiu muito bem preparando o frango ao curry. Mas Ricardo não tem um perfil tradicional, é um perfil dividido entre três amigos. A iniciativa surgiu nos aprontes de um mochilão gigantesco pela Europa e Ásia, saindo do Porto em outubro de 2011 e chegando até o Camboja em março de 2012, passando por Alemanha, Eslovênia, Índia, Iraque e muitos outros países. Trabalhando, economizando e viajando. Ricardo e seus

amigos Luís e Vasco começaram em Paris trabalhando em uma loja de roupas de baixo custo por dois meses e lá planejaram a viagem. Fotos, vídeos e textos eram registrados no blog “Teatro do Globo Terrestre”. O nome é uma referência ao primeiro atlas moderno publicado em 1570 e resultado das expansões marítimas. Muitas das experiências de CS de Ricardo vêm dessa viagem.

Na rede, o perfil é completo a não ser pelo reply rate baixo (42%) que talvez tenha explicação pelos dias de viagem sem acesso à internet que tiveram durante os meses de mochilão. No restante, vê-se 13 referências positivas, conexões com 16 amigos e um voucher para a casa deles no Porto. Nas seções pessoais Ricardo se descreve como um estudante de arquitetura que nunca irá se formar, pois quer trabalhar e não estudar. Espera ganhar o diploma “honoris causa” por ganhar o Pritzker Award algum dia. É apaixonado por estradas, gosta de acordar cedo e de lavar louça. E indica: você pode esperar dele muita barba na cara, cerveja em seu estômago e Pink Floyd em sua cabeça.

Ricardo nunca hospedou porque vivia com os pais no Porto. Ele é natural de Açores, mas vive no Porto. Suas atividades rotineiras de CS foram comparecer nos eventos e oferecer companhia para estrangeiros conhecerem a cidade. Para ele, depois da viagem por meio mundo, “hospedar as pessoas em minha cidade é quase uma obrigação, eu devo isso a eles”.

Depois de ouvir atentamente as respostas de Fabricio e Juli, pergunto a eles sobre suas histórias na comunidade do Couchsurfing. É a primeira vez dos dois na América do Sul, seja por CS ou não.

Ricardo conta que sua primeira experiência no CS foi em Berlim. Era um apartamento de jovens rapazes de idades parecidas com as dos três desbravadores portugueses. Eles trabalhavam o dia inteiro e deixavam as chaves com eles. “A casa

é vossa, façam o que quiserem”, lembrou Ricardo. À noite, conversavam e, se saíam para beber, os amigos lusos iam junto.

Outra experiência marcante para Ricardo, Vasco e Luís foi no Teerã, capital do Irã. Lá é proibido qualquer contato com o mundo exterior, seja por contato virtual ou mesmo físico: é crime conversar com estrangeiros. Por consequência, a comunidade Couchsurfing de lá é clandestina.

Quando chegaram à cidade e encontraram um hostel, o trio recebeu uma mensagem de alguém do CS do grupo de Last Minute Couch Request, grupo que abriga surfers com emergência de abrigo. Sim, eles receberam a mensagem, não a enviaram. Trocaram mensagens e foram encontrar um tal de Javaad próximo ao metrô. Os portugueses foram e esperavam quando um estranho disse a Ricardo: “Hello, Steven!”, disse efusivo. Repetiu a saudação e Ricardo disse que não havia Steven ali. Javaad os havia confundido com noruegueses do CS. Os jovens já iam voltando e compreendendo o mal-entendido quando o iraniano perguntou onde eles estavam indo. Eles disseram que iam embora. “Não, vamos lá para casa!”, e já foi andando e ajudando com as malas. Eles ficaram duas semanas na casa de Javaad. Tinha uma área na sala, colocavam os tapetes ali e era ótimo, segundo Ricardo. Devido às conexões de CS que Javaad mantinha, os rapazes viajantes ainda puderam visitar outras casas de cidades menores do Irã. “Nós corríamos risco. Mas eles são tão empenhados na comunidade de lá. É uma coisa impressionante a generosidade daquelas pessoas”, contou Ricardo, arrebatado pela história.

Na Malásia, em Kuala Lumpur, o grupo teve vida de realeza. Um membro muito rico da comunidade CS de lá gostou da proposta do trio e os hospedou. “Era uma casa de luxo. Tinha cerveja no congelador. Convidou-nos para ir à discoteca e pagou drinks”, disse Ricardo. Se ricos ou pobres, ele avalia que todas as diferentes histórias contadas são legítimas. São

peças querendo ajudar pessoas despendendo dos recursos que têm.

Emendando o assunto generosidade, Fabricio e Juli começavam a lembrar situações que os fizeram repensar a comunicação entre as pessoas. Como já dito, em meados de 2012, Fabricio e Juli viajaram de bicicleta pela América do Sul. Juli passou por menos cidades e voltou antes, mas Fabricio completou o percurso de Ushuaia (extremo sul da Argentina) até Encarnación (sudeste do Paraguai) e voltando a São Paulo em dois meses. A primeira lembrança de história inesquecível foi na ilha de Chiloé, Chile.

A ilha de Chiloé faz parte de um arquipélago de cerca de trinta ilhas que leva o mesmo nome. A maior cidade é Castro e fica no meio da ilha. Fabricio hospedou-se duas vezes em duas casas do Couchsurfing. Uma era uma família chilote (como se chamam os nativos de Chiloé) que não poderia recebê-lo primeiro, pois a data batia com o maior feriado do Chile, o de Fiestas Pátrias que comemora a independência do Chile, mas após o feriado sua presença era bem-vinda. Então, o brasileiro foi procurar outra casa e topou com um grupo de franceses que viviam na ilha há tempos. Depois do contato com as casas, Fabricio percebeu que nenhuma das duas famílias tinha uma conexão forte com a ilha, mas viu que eles poderiam ter alguma “onda” entre si. “Forcei a barra pra que eles fizessem um jantar no meu último dia lá, para os dois grupos se conhecerem. Os franceses iam pra casa dos chilenos”, contou Fabricio. Aí eles perceberam ter uma coisa em comum: gostavam de velejar. E um estava sem vela; o outro tinha como conseguir. “Tinha todo sentido de eles se conhecerem. Eu era um agente estranho, mas de alguma maneira eles não iriam se conectar. E por que não?”, provocou. Detalhe: as casas estavam separadas por três quadras de distância.

Ricardo disse que não presenciou experiências ruins no CS,

apenas ficou em couches em que a conexão cultural não foi tão significativa. Mas nada para se arrepender. Juli, a mesma coisa. Os surfers que se relacionaram com Fabricio não podem, segundo eles, serem rotulados de experiências ruins. Foi apenas o santo não bateu. A exceção, Fabricio conta parecendo revirar as memórias, foi quando viajou pelo Chile na cidade de Concepción, no centro do país. A desventurada situação não ocorreu em hospedagem. Fabricio comentou na comunidade da cidade e enviou um Open Couch Request, opção recente que permite que todos da comunidade daquela cidade vejam o seu pedido. Uma moça, mestranda em biologia, se ofereceu para tomar um café com ele e ele aceitou. “Era uma menina muito ligeira para conversar, muito legal, sabe muito de História e Filosofia da Ciência, o que é bem difícil”, comentou. Ela o chamou para um show na cidade vizinha de Calcajuán. Eles foram de bicicleta. Chovia muito e eles estavam empapados. Acabou o show e começou uma agitação para dançar. A mulher chamou Fabricio e ele, como não gosta de dançar, ficou na dele respondendo mensagens do celular. Enquanto isso, a moça bebia cerveja e bailava. “Aí você vai ver uma mudança de personagem”, avisou. Já era 1h e ele pediu a ela que fossem embora. Na volta, ela, alterada, caiu da bicicleta em uma vala de esgoto. Fabricio pensou em chamar a polícia. “Parecia uma criança. Caiu mais três vezes no caminho. Eram nove quilômetros. O que dava para se fazer em uma hora, demorou mais de quatro horas para chegar à casa dela”, falou Fabricio. Eles já haviam combinado antes que ele dormiria lá. “Aí foi o ponto final. Ela queria dormir comigo. Cheia de merda, caída do esgoto. Aí acabou a minha viagem. ‘Você fez a pior noite da minha viagem. Não quero nada de você’. Aí ela chorou e chorou e dormiu. Eu acordei cedo no dia seguinte e fui embora”, finalizou. Fabricio no dia seguinte recebeu mensagens da moça falando que não se lembrava de nada na

noite anterior, que tomava remédios e não podia beber. Por fim, não deu uma referência negativa. “Aí, já na Argentina, um host me disse que talvez eu devesse ter mandado uma referência neutra. Tipo, dizendo que ela é uma mulher legal, mas não pode beber”, contou Fabricio. Ele reavaliou e disse que já havia passado muito tempo para a modificação. “A vergonha que ela passou já era o bastante”.

O casal Juli e Fabricio tem uma veia para o debate social, é de se perceber. Mesmo sem perguntar nada, os questionamentos mais básicos vão crescendo para chegar a problemas estruturais da cidade, do país ou do comportamento das pessoas. Eles adoram fazer isso. Além do currículo de projetos e funções sociais que exercem no dia-a-dia, fica fácil de entender que eles prezam pelo bem-estar da sociedade e não apenas pelo individual. Isso visto em meia hora de conversa.

Depois de um relato meu, contando uma história de um host em Budapeste, Hungria, que tinha uma referência negativa por tentar cortejar uma garota surfer em sua casa, eu e Fabricio concordamos que essa seria uma exceção à regra. Para ele, nós lembramos mais da exceção do que da regra muitas vezes e a maioria das relações da rede são benéficas para hosts e surfers ou no mínimo neutras. Para ele, os casos problemáticos são inibidos pela estrutura da rede, em que, naturalmente, seus membros excluem um host como esse através do sistema de referências e conexão com outros surfers. “Mas às vezes pode aparecer um louco desse de vez em quando”, disse Fabricio.

Aí Juli, sem se exaltar, começou a relembrar a construção da imagem da mulher em nossa sociedade. “Isso não é só um louco. O abuso da mulher, a mulher ser vista como explorável... Isso é aceitíssimo pela sociedade. Você pode encontrar loucos em vários aspectos, mas essa é uma coisa socialmente incentivada. No CS isso é presente sim. Nem sempre com

má intenção, mas como possibilidade. Do tipo: ‘como é que a menina está te dando bola e você não beija ela? Como é que ela está sendo simpática com você e você não beija ela? Ela sai na rua com uma saia curta e tá pedindo pra ser estuprada’. Coisas assim. A mulher corre um risco concreto quando faz Couchsurfing”, concluiu ela.

A própria Juli confessa que essa sua ideia consolidada sobre a posição da mulher dentro do CS foi questionada em um encontro da rede. Até hoje, quando viajou sozinha, Juli nunca ficou em casas de homens e, quando hospedou alguém sozinha, sempre optou por receber mulheres. Foi desta última maneira que Juli conheceu Marta, uma polonesa de 32 anos, cicloviajante. Ela estava viajando por cidades próximas a Fabricio durante a viagem pela Argentina e passou por um couch que Fabricio havia se hospedado. Como o próximo destino de Marta era exatamente São Paulo, o host contatou Fabricio e ele avisou Juli que uma polonesa estava para chegar ao bairro da Consolação. “Era uma menina corajosa, mas com uma tranquilidade, uma leveza para falar com as pessoas... Sem nem mesmo falar o português”, Juli descreveu. Juli tenta contar, mas admite que não consegue reproduzir uma fala que Marta disse ao pai de Fabricio. “Ela mudou o pai dele. Ele perguntou: ‘mas por que ele faz isso [largar o emprego e viajar de bicicleta]?’ Aí eu não sei o que ela falou, mas fez ele chorar”, contou. Antes de partir, Marta presentearia Juli com um selim “hiper caro que salvou sua bunda”, pois a polonesa não conseguia vendê-lo. Mas a coisa que Juli recorda mais de Marta “é o fato de que a mulher pode sim viajar de bicicleta, de carona de caminhão. E que existe gente boa no mundo e a gente esquece isso às vezes”, terminou. Marta havia descido na Marginal Tietê, em São Paulo, depois de uma carona num caminhão e às 22h no mesmo dia da chegada, o caminhoneiro ligou para saber se ela tinha chegado bem.

O host que fez a intermediação entre Marta, Fabricio e Juli chama-se Diego Moreno, um cozinheiro de 28 anos de Santa Cruz, Argentina. “Ele fez o que nenhum hostel no mundo faria”, anunciou Fabricio. Viajando de bicicleta pela Patagônia, em condições extremas de neve, estava Fabricio querendo pedalar e impedido de fazê-lo pelas más condições do tempo. Tomou dois ônibus e foi horrível segundo ele, pois as companhias não queriam levar a bicicleta na viagem. “Isso culmina numa cidade ao extremo sul da Argentina, chamada Gallejos, capital da província de Santa Cruz. Pela internet, contei a história pra ele. Ele me emprestou uma mochila, me deixou guardar a bicicleta e me ensinou a pedir carona nas estradas de lá”, relatou. A partir daí, Fabricio se tornou um mochileiro e não mais um cicloviajante. Ele percorreu as cidades de Rio Grande, Ushuaia, Cantarenas, Porto Salenas, Calafate e Alichantén. Nesse ínterim, Juli teve que fazer uma cirurgia de emergência e ele teve que voltar. Ficou três semanas em São Paulo e ligou para Diego:

“Se quiser eu posso levar a sua mochila de volta”, disse.

“Não, tranquilo. Depois você volta”, afirmou Diego.

“Tem certeza? Se quiser eu te mando de volta”, reiterou Fabricio.

“Não, você ainda não acabou a viagem”, reafirmou o argentino.

Depois Fabricio voltou, reencontrou Diego, devolveu a mochila, pegou a bike de volta e continuou viagem.

A entrevista com os quatro surfers acabou com o aviso de Fabricio de que eles estavam atrasados para o show daquela noite. Muitas perguntas ficariam em minha cabeça e só pipocariam com o arejamento das lembranças. Aquele café orgânico, o frango ao curry, a tarde ensolarada e a praça Roosevelt lá em baixo com um sistema de som tocando, certa vez, “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso. A brisa da praça vinha

gostosa e os versos de “Eu vou, eu vou/ Por que não, por que não” me faziam ter certeza de que queria estar ali.

Os hóspedes saíram. Deixaram uma chave comigo e uma com Ricardo e Isabel. Não demoramos muito para decidir se sairíamos, a chuva apertava e tomamos o caminho da rua. Tínhamos que subir oito ou nove quadras da rua Augusta para chegar a uma reunião de veteranos do grupo de CS de São Paulo. Ricardo e Isabel acharam uma boa ideia. Foi dobrar a primeira esquina e o aguaceiro tipicamente paulistano acome-teu-se. Ensoçados da cabeça aos pés, pulávamos verdadeiros córregos formados por bueiros entupidos. Vimos latas de lixo descerem a rua com a força das águas e gente correndo entre os carros evitando as calçadas parcialmente alagadas.

Encontramos o Açai Bar da Augusta, o local de encontros do CS de São Paulo. Ao chegar, conheci Andy Nakamura pela primeira vez, com rapidez. Expliquei meu projeto e apresentei Ricardo e Isabel. Colamos etiquetas com nossos nomes em nossas camisetas, os dois com a anotação “Portugal” como observação. Enquanto a torrente de água não parava, pedimos uma cerveja, mas não houve interação de quem estava lá com a gente, apesar de o evento ser aberto a membros da comunidade. “Não gosto disso. De ser forçado a conversar”, contestou Ricardo. Isabel, mais flexível, puxava assuntos com os veteranos, mas nada de interessante saiu dali. Despedi-me de quem cumprimentei e fomos pegar o resto de chuva que já diminuía.

Sugeri uma cerveja num bar, eles declinaram. Queriam comer. Encontramos uma padaria. Comemos hambúrgueres mal passados, tomamos suco de laranja e assistimos à novela das oito na padaria. Isabel falou que via novelas brasileiras em Portugal e Ricardo aprovou o suco de laranja. Passamos em

um boteco para apenas uma cerveja, a qual rendeu a conversa sobre o primeiro encontro de Ricardo e Isabel. Isabel trabalhava num hostel no Porto e Ricardo fez a entrevista de admissão com ela. “Já sabia que ia passar”, brincou Ricardo. De fato, ele passou e o estudante de arquitetura engatou namoro com a engenheira civil.

Voltamos para casa. Eu saíria de novo para encontrar uma amiga. Mas os dois ficariam curtindo o filme “Formiguinhaz” da videoteca de Juli e Fabricio. Quando cheguei, já lá pelas 2h, havia um colchonete pequeno e confortável e um cobertor para mim.

No dia seguinte abri os olhos e a primeira imagem do domingo foi uma cueca samba-canção de corações vermelhos e roxos secando no varal de teto justo acima de minha cabeça. Acordei cedo e fui beber o tradicional pingado e pão com manteiga na padaria, enquanto todo mundo não despertava. Por algum motivo que não se pode explicar, a padaria estava tocando na íntegra o clássico disco, “Krig-ha, Bandolo!”, de Raul Seixas.

Quando voltei, a turma já estava de pé e Ricardo já preparava sua especialidade: as tostadas de Ricardo. “Em Portugal, eles chamam de ‘as famosas tostadas de Ricardo’”, brincava. Comemos juntos no café e combinamos um almoço no restaurante chinês no bairro da Liberdade. Fomos a pé. Passamos pela praça da Sé e a feirinha do bairro da Liberdade. Maurício, amigo do casal brasileiro, nos acompanhou na refeição e nos papos interessantes sobre Cuba, uma viagem que havia feito há pouco tempo. No restaurante, tivemos a honra e o prazer de ver uma apresentação de preparação da massa do macarrão. Uma cena incrível. Atrás de um espelho com a mensagem “ARTE DE MACARRÃO AO VIVO” em letras

garrafais, um hábil cozinheiro fazia malabarismos com a massa, dobrando-a, esticando-a e separado-a várias vezes até criar fios finíssimos de macarrão que iriam para a panela ali mesmo. E era de graça. Estávamos estupefatos eu, Ricardo e Isabel: os estrangeiros.

Depois do agradável almoço, me dei conta que já era domingo e que a segunda-feira açoitava-se imparável. Paguei as cervejas que devia e, já com a mala nas mãos, despedi-me dos cinco na praça da Sé rumo ao metrô da Barra Funda. Agradei por tudo, pela companhia, pela hospedagem, pelas histórias. Aquilo era muito para mim e, só ali, percebi que não havia escrito nem um bilhete para Juli e Fabricio. De alguma maneira, não tive a atenção que a freira Celina demonstrou, nem a generosidade de Diego Moreno. Apenas ouvi e aprendi com Juli e Fabricio. Essas linhas são um agradecimento a eles e, para quando encontrá-los novamente, servem de lembrança de que devo muito a eles e a quem faz bem a outras pessoas.

O QUE DEUS QUER DA GENTE É CORAGEM

Cerca de dois meses depois de ter conhecido Carolin Zobel, recebi um cartão-postal. Na parte da frente, estampava-se uma imagem de um tamanduá no mato com uma arte escrita em cursiva no canto inferior esquerdo avisando que se tratava de “Bonito-MS”, com uma bandeirinha do Brasil ao lado.

A parte de trás continha dois carimbos prensados com pouca tinta e seus tipos marcavam AC Corumbá, 17 de março de 2013. No canto superior esquerdo, notava-se em negrito as palavras Tamanduá Mirim. Abaixo, as localidades: Bonito, MS, Brasil.

Com adoráveis erros de ortografia, a mensagem segue:



Oi Renan & Co!

Tudo bem?

Muito obrigada por tudo que vocês fizeram por mim.

Gostei muito da minha estância em Bauru. Também

agradezco o seu papel que você colocou com a minha

câmera. Essas palavras foram importantes pra mim nos

momentos difíceis dessa viagem. Vi tantas coisas tão lindas, surpreendentes e extraordinárias que não cabem todas no meu diário.

Mas em poucas palavras: a vida é muito bela, especialmente com gente tão boa como você nela. Obrigada por tudo, Renan!

xBeijosx

Carolin

DE PARAQUEDAS NO CS

Roberta Noris, 31 anos, publicitária, é ex-embaixadora do CS no grupo de São Paulo. Enquanto fazia contato com Mitie, a japonesa avisou Roberta que haveria uma pizzada de veteranos do Couchsurfing que serviria para, além de matar as saudades dos amigos, também ajudar um estudante de jornalismo com seu livro sobre a comunidade CS. Ela não poderia comparecer à reunião, mas se dispôs a ceder entrevista.

Roberta diz que sente saudades do tempo que viveu no CS e culpa o crescimento da rede por sua atual falta de interesse no projeto. Para ela, a missão do Couchsurfing está sendo esquecida e substituída por gente que quer apenas “um lugar de graça para dormir e que deixa de conhecer uma nova cultura e compartilhar momentos com a pessoa que te hospeda”, disse ela.

Roberta se refere a inúmeros perfis incompletos sem fotos, sem referências e sem a essência do CS, tanto filosófica quanto funcionalmente. Não raro, encontram-se casos hos-

pedagens chamadas de inseguras, ou seja, quando os aceites de couchrequest não são pautados pelas referências, o sistema de voucher, a identificação checada pelo site, etc. Mas sim por atrativos outros como aparência pessoal, esperança de encontro amoroso ou da chance de economizar na hospedagem. “É não poder mais acreditar nas pessoas que estão ali com seu perfil mal preenchido”, explica.

Como ex-embaixadora do grupo de São Paulo, a moça nascida em Maringá (PR) e criada em Dracena (SP) possui um perfil completo. Nele, o índice de couch requests respondidas é de 84% e existem 60 referências positivas, a maioria fruto de contatos nos eventos do CS de São Paulo. Há também outras nove referências de hosts, 12 de surfers e 14 de gente que encontrou durante viagens. Seu perfil também conta que ela adora fotografia e música eletrônica. Ela não fuma e ama seus dois gatos Igor e Titi. No campo “Filosofia” ela escreve: “aproveite as pequenas coisas, porque um dia você pode olhar para trás e perceber que elas foram as grandes coisas”.

Em meio a dicas de músicas, livros e filmes que vão de Yeah Yeah Yeahs a Marisa Monte, passando por “Na Natureza Selvagem” e “1984”, está o pedido: “quando me enviar o pedido de hospedagem, por favor, escreva esta palavra: #gato!”. Esse cuidado é uma prática comum em perfis de veteranos do CS, principalmente mulheres, para obrigar os surfers a lerem o perfil da pessoa em que o couch será oferecido e talvez forçar uma identificação sincera entre host e surfer.

“Ainda há sim pessoas que usam o Couchsurfing da forma correta, que entendem seus valores, suas premissas, mas este número ficou pequeno. Escondido lá no meio daquelas centenas ou milhares de perfis criados diariamente de pessoas que caíram de paraquedas ali. É triste, mas este momento chegou”, disse Roberta sempre usando o tempo verbal no passado, talvez se referindo aos membros ativos do grupo da

cidade de São Paulo.

Suas regras de convivência são rígidas. Não se importa se a pessoa não pretende fazer algum programa que ela não se interesse, mas o surfer tem que ter um mínimo de tempo para conhecê-la. “Sei lá, umas duas ou três horas pra beber na Paulista. Coisa rápida. O que não dá é ir embora sem dar nenhuma atenção”, reclamou. Roberta vive com o tio e seus dois gatos em um apartamento no bairro Vila Mariana, próximo à estação da Praça da Árvore. Ela diz que o espaço compartilhado com o tio não é necessariamente a causa para ela não hospedar mais ninguém. Quando hospedava via CS, ela e o tio delimitavam horários de saída e chegada para que ao menos um dos dois estivesse em casa para receber o surfer. Ela não deixa uma chave extra para o viajante, com efeito a prevenir alguma surpresa de choque desagradável de horários com o tio. Ela confessa que “tirava um pouco a privacidade dele”.

Roberta é uma garota agitada. Fala rápido e alto. Soa rígida para regras e disciplina, mas mantém a mesma postura de quem sabe o que quer e aonde quer chegar. Ela relembra suas histórias com muita emoção.

Em entrevista por Skype, ela contou nunca ter experiências ruins na rede, apenas algumas possíveis “roubadas” durante um mochilão pela Europa. Segundo ela, “os italianos são um problema”. Em Florença, Itália, Roberta hospedou-se em um apartamento grande de cinco pessoas. Ela encontrou na lista de referências um livro em comum com o host e decidiu ficar lá. Depois de muita conversa à noite, era chegada a hora de dormir. O italiano deu uma de desavisado e ofereceu, educadamente, a cama de casal a ela. O argumento do florentino era que o sofá-cama de ferro e molas não seria confortável para ela. “Eles vão muito pra cima, mas eu não sou burra, não”, proclamou.

Alguns fatores são ponderáveis para explicar as situações

que Roberta vivenciara e talvez de muitas outras mulheres no CS: o fato de ser mulher e brasileira. Aparentemente, apenas estar no CS já te credencia a um estereótipo de “mente aberta”, de querer viajar e conhecer as mais diferentes culturas e pessoas. E se uma mulher viaja sozinha por CS pela Europa e fica na casa de um homem, a cultura em que vivemos já a retrata como liberal em vários assuntos, entre eles o sexo sem compromisso. O próprio CS recomenda que mulheres hospedem-se na casa de outras mulheres ou famílias, principalmente se estiverem viajando sozinhas.

Em Roma, outra situação parecida surgiu na viagem de Roberta. Ela estava hospedada em um hostel e conheceu quatro nativos que levaram ela e um pessoal do hostel para ver a cidade e beber cervejas artesanais num pub. Os amigos foram indo embora e ela ficou com eles. Eles sugeriram reencontrá-la de novo na casa de um deles na noite seguinte. Deram endereço, horário e explicaram como chegar. Roberta aceitou e sentiu-se mais confortável, pois vira que o convite veio de um usuário do CS. Ela foi. Chegando lá, havia apenas o dono da casa e ela num apartamento da periferia de Roma. Ela perguntava quando os outros chegariam e ele dizia que não sabia o motivo do atraso. Eram 22h já e nada. Ele ofereceu vinho e Roberta aceitou “só uma tacinha”. Mostrou DVDs para que pudessem ver juntos e ofereceu o quarto para dormirem, afinal já era tarde. “Quando eu sou grossa, eu sou grossa. Se tivesse sido uma bobinha, ia ter dormido com o cara. Mas disse que tinha namorado, cortava a conversa, sabe? Eu acho que ninguém ia no jantar, porra nenhuma”, falou. Roberta pediu um táxi e voltou para o hostel.

A experiência própria com o estereótipo do galã italiano não impediu Roberta de surpreender-se com gente diferente ainda na viagem pelo Velho Continente. Em Viena, Áustria, a brasileira teve uma experiência de CS através do grupo Last Minute

Couch request de Viena. Roberta ficaria lá por dois dias.

Quem respondeu foi um guia turístico equatoriano chamado Álvaro. Na descrição de Roberta, Álvaro “parecia um louco de piercing e alargador”. Por sua sorte o “louco” estava de folga nos dias de estada e, por um preconceito reconhecido por ela, ele era uma pessoa gentil. Nos dois dias que se seguiram, ele contou que sentia saudades do Equador, mas só permanecia na Áustria por sua filha, fruto de um casamento desventurado com uma austríaca. Ele acompanhou a brasileira por museus, palácios e a apresentou a um restaurante onde se paga o quanto quiser.

Melancólica quanto ao projeto, a publicitária olha o Couchsurfing como algo do passado, ainda que seja atual embaixadora do grupo de São Paulo. O que antes era o centro de suas atividades de lazer, indo e organizando eventos na cidade de São Paulo, agora são apenas lembranças que, ao que parece, não parecem querer ser reavivadas novamente.

PRINCÍPIOS, GRUPO QUEER E PELADOS NA PISCINA

Após conhecer Glória Mitie no encontro do Cooksomething, nós trocamos mensagens e ela disse para mim que era obrigatório conhecer a velha-guarda do Couchsurfing, os veteranos que iniciaram o grupo de São Paulo. Aceitei e perguntei a ela sobre o contato deles, esperando conseguir entrevistas individuais. Em questão de dias, subiu uma notificação no Facebook avisando que eu estava sendo convidado para o Pizza CS Book, uma pizzada dos velhos conhecidos de CS que responderiam as minhas perguntas. Pensei que a pró-atividade em criar eventos dos Couchsurfers era algo espantoso.

Era um sábado à tarde e o local era o apartamento de Mitie que fica justo uma rua atrás da avenida Paulista. Um condomínio grande, antigo, com sua centena de apartamentos. Cheguei 20 minutos antes do esperado e esperei debaixo de uma marquise de um hotel luxuoso ao lado. Madames saíam de seus carros e os choferes revezavam-se no auxílio com as malas. Os ajudantes diziam que a diária mais barata custa R\$ 900.

Convidaram-me para dar uma volta lá dentro e fui rápido. A imensidão do saguão me fez pensar que estava num ambiente de exceção, numa área da cidade de São Paulo disponível para poucos. Um lugar em que a troca entre hóspede e anfitrião se devia justamente pelo dinheiro e não pela companhia, como preferiam Juli e Fabricio. Apesar da imponência do momento, os choferes eram boa gente e gostavam de conversar. E foi jogando conversa fora que receberam uma advertência do filho do dono do hotel, dita para outro: “Olha lá, funcionário meu conversando. Trabalhar nada”, proferiu de passagem. Parecia com pressa.

Deu o horário e entrei no condomínio de Mitie. Esperando o elevador estava um homem de cabelos grisalhos, esbelto, bonito. Ele apertou o mesmo andar que eu. Saímos no mesmo andar.

“Você vai na Mitie?”, perguntou, já rindo.

“Vou sim”, disse e me apresentei.

Eu e o já apresentado Agnaldo batemos à porta de Mitie para a tal pizzada do CS.

Agnaldo Bernegozzi, 44 anos, cientista da computação, é veterano do CS em São Paulo. Participa ativamente há mais de cinco anos no grupo e durante a produção deste livro foi nomeado embaixador do grupo da cidade de São Paulo junto a outros embaixadores. O paranaense de fala preguiçosa diz que era muito tímido antes de entrar no CS e não lembrava o nome das pessoas que conhecia. “Agora sei o nome de todo mundo. Você acostuma”, falou Agnaldo referindo-se aos meetings semanais em que conhecer nomes novos é inevitável, lembrá-los nem tanto. Ainda muito ativo, Agnaldo conta que está organizando a Odisseia Etilica, um circuito regado a álcool pelos bares de São Paulo realizado por e para os Couchsurfers.

Glória Mitie é uma mulher de 36 anos com traços orientais,

bochechas grandes e que está sempre rindo. Ela entrou no CS no mesmo período de Agnaldo. A professora de inglês possui domínio fluente no idioma em que dá aulas e frequentemente profere expressões como “awkward”. Seu perfil contém muitas recomendações para os surfers que queiram se hospedar em seu apartamento: desde trazer seus próprios produtos de higiene a tomar banho antes de dormir devido ao calor que pode fazer à noite.

Ela viajou pela Europa de mochilão e passou por Áustria, Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, Noruega, Suécia e Suíça. Destaque para a Áustria, quando Mitie contou entusiasmada que foi “incrível” estar no lugar onde Julie Andrews gravou as cenas do filme *A Noviça Rebelde* na cidade de Salzburg, oeste do país.

Mitie vive sozinha em seu apartamento que não tem nada fora do lugar. Banheiro, sala, cozinha são impecáveis e mostram os cuidados que a descendente de japoneses carrega em sua personalidade. Quando chegamos eu e Agnaldo, ela pediu para que tirássemos os sapatos para pisar o tapete e havia preparado batatas Pringles com Coca-Cola para nós. Os sofás beges combinavam com o tapete de mesma cor, que também ornavam com o piso de tacos marrom claro. Na sala de estar uma televisão grande LCD com TV por assinatura ligada na TNT onde passava o filme *Jumanji* no volume mudo.

Enquanto eu fazia anotações de minhas perguntas e já ligava o gravador, os dois veteranos do CS botavam a conversa em dia, perguntando por onde andava esse e o que aconteceu com aquele. Era o saudosismo de quando um evento do grupo era um sucesso “se apareciam 20 pessoas nesse apartamento”, relembrava Agnaldo.

Mitie conta que seu primeiro encontro com o grupo do CS foi “estranho”. Também em uma tarde chuvosa, mas em um churrasco, ela chegou atrasada para o evento. “Foi muito

estranho. Cheguei e ninguém falou comigo. Fiquei 40 minutos esperando alguém falar comigo. Tava todo mundo bêbado, dando “pt”, vomitando. Aí pensei: ‘esse é o Couchsurfing que me falaram?’”, relembrou. Ela explica que a noite saiu-se bem divertida após o churrasco quando os bêbados se recuperaram e foram para um apartamento tocar umas músicas. As recordações tornam-se ainda mais vívidas quando ela começa a puxar nomes da memória de que não conheço, mas que parecem ser boas companhias: “o Saulo, a Vanessa, o Patiago, o Beбето, aquele menino lá, aquela moça lá...”.

Para não dizer que a reunião não aconteceu com três pessoas, a quarta havia acabado de chegar. Tiago Silva, amigo dos dois também via CS, apareceu “só para dar uma passada”, mas ficou quase a tarde inteira. Tiago é um embaixador viajante do CS, ele já foi para Argentina, Bélgica, Brasil, Chile, França, Grécia, Itália, México, Holanda, Paraguai, Espanha e Estados Unidos. Assim como Agnaldo e Mitie, Tiago foi um membro ativo do grupo de São Paulo e ajudou a organizar os primeiros eventos. Agora está afastado do site porque não está viajando e não vai mais aos eventos por disponibilidade, mas quer voltar aos meetings de terça. “É difícil, a turma mudou muito. Muita gente saiu. Agora você chega lá e não conhece ninguém”, conta. Aparentemente a participação no grupo depende de estímulos de uma turma formada, de amigos com o mesmo propósito e, quando essa turma se desfaz, fica difícil conhecer um monte de gente novo. Conhecer gente exige disposição.

Já acomodados no sofá de Mitie, Agnaldo diz que quando viaja para o Rio de Janeiro ele tende a se hospedar nos mesmos couches por conveniência e afinidade. “Você já conhece a pessoa. Sabe como funciona. Não precisa fazer um convite formal, é bem mais fácil”, disse. Quando vai ao Rio, ele tenta ficar em dois couches, um já conhecido para ficar mais dias e

outro novo para conhecer outra pessoa.

Os três, veteranos que são, têm números expressivos em seus perfis do CS. Mitie já recebeu 24 viajantes, viajou por 21 sofás e seu apartamento é recomendado por 25 pessoas. Sua missão é: “conhecer o máximo de culturas, línguas e pessoas quanto possível e viajar por todos os continentes” e sua filosofia descrita é “talvez você viva do jeito que goste, talvez você goste do jeito que viva”. Ela é referenciada por 128 pessoas com todas as menções positivas.

Agnaldo esconde sua missão e descrição no perfil do CS. A missão aparece como “problema meu” e a descrição é apenas um aviso para que o conheçam por meio das referências de quem já o conheceu pela comunidade. Não são poucas: ele contabiliza 122 referências positivas e uma neutra. Ele possui 63 recomendações por voucher, já hospedou 48 pessoas e viajou por sofás de oito pessoas, cinco deles no Rio de Janeiro, seu destino mais visitado.

Tiago é um rapaz magro, tem rosto fino, cabelos curtos raspados dos lados e usa aparelhos nos dentes. Tem uma fala arrastada e pensa muito antes de falar. Tem 30 anos de idade e seu perfil também é completo. Sua casa é recomendada com 58 vouchers e o perfil tem 117 referências, todas positivas. Sua missão é extensa: “descobrir o que mundo me mostrou; conhecer pessoas do mundo todo; casar e ser feliz em todos os dias da minha vida”. Desde as primeiras perguntas ele já conta que é gay.

Mitie deixa claro que, para ela, as couchrequests devem ser escritas com uma menção à sua chinchila Jack. Se Jack não for lembrado, os pedidos serão negados, pois isso prova, para ela, que o surfer não leu seu perfil. Algo parecido acontece com Agnaldo. Ao final de longa relação de perguntas e respostas em seu perfil, ele deixa uma “nota muito importante: por favor, não me mate enquanto eu estiver dormindo. Se

você fizer isso eu nunca mais vou te hospedar novamente”. Com o “nunca” negrito. Ele diz que recebe as pessoas normalmente mesmo se elas não falarem do pequeno chiste, mas quando fazem alguma brincadeira com a nota de morte ele nunca nega.

Tiago não disponibiliza seu couch há tempos, mas preza por dar uma de guia turístico, além de avisar que oferece lençóis e que vive com a tia. No texto de informações sobre o couch, ele coloca links dos grupos de São Paulo e avisa que, mesmo se não puder hospedar alguém, ele fará o seu melhor para encontrar outro couch para o guest desabrigado. Ainda faz um adendo aos novatos no CS indicando páginas didáticas que explicam como ser um bom convidado e como escrever uma couch request.

A entrevista segue rumo de conversa. O que um responde, os outros dois também dão suas opiniões sobre o tema, sempre acrescidas de situações inusitadas que elucidam a questão. Sobre as regras de convivência, Mitie é taxativa: “me incomodo quando não lavam a louça ou se vir que a cama está por fazer. ‘Ah, mas eu vou dormir de novo aí’. Mas eu estou vendo, ué”. Agnaldo disse que já aconteceu um “negócio chato”, mas não por desleixo ou má organização. Ele hospedou duas alemãs por uma semana e deixou toalhas limpas na pia do banheiro. As toalhas continuaram onde estiveram em todos os dias. “Tem coisas que são culturais. Não dá pra falar que é educação”, ponderou ele.

Tiago lembra de uma história com um equatoriano em Buenos Aires que não compartilhava refeições com ele. Se ele fazia um macarrão, só ele comia. Se pedia uma pizza, era para apenas um. “Eu acho que ele podia me convidar pra comer junto com ele, mas é a cultura, eu acho. Quando recebo as pessoas eu acho que é de bom grado oferecer um lugar na mesa, mas tem gente que não acha”, disse ele.

Esse mesmo equatoriano participou da primeira experiência de CS de Tiago. Os dois trocaram mensagens pelo sistema da comunidade, mas sem fazer a couch request. “Aí um dia, me liga o menino: ‘estou saindo do aeroporto, estou em São Paulo’”, lembrou. Tiago não queria hospedá-lo, mas sua tia preocupou-se com o jovem e convenceu o sobrinho a recebê-lo. “E a experiência foi ótima. Foi essa experiência que abriu as portas para mim no Couchsurfing. Mesmo eu hospedando sem querer hospedar”, contou. Tiago lembra que o equatoriano contou tudo sobre Buenos Aires e sobre música latina. Lembranças que ele guarda com carinho até hoje, com exceção à retribuição de generosidade do rapaz do Equador na ida para a Argentina.

Agnaldo também se lembra de coisas deixadas pelos viajantes. MP3 players, câmeras, roupas, mochilas e até passaportes. Neste último caso, foram passaportes alemães deixados para trás. E fizeram falta. Duas alemãs, as mesmas duas das toalhas desprezadas, foram paradas e ficaram detidas pela Polícia Federal até Agnaldo enviar um fax com os documentos delas e resolver a confusão.

Com certeza há muitas opiniões diferentes sobre o CS, mas em uma coisa os três concordam plenamente: Couchsurfing não é hostel. “Se a pessoa me escreve uma couch request porque tem um curso e precisa de um lugar para ficar e ainda diz: ‘vou sair bem cedinho, só preciso de um metro quadrado para dormir, não vou te incomodar...’ a gente recusa”, garante Agnaldo. Mitie diz que nem dá atenção para quem não lê seu perfil ou usa o eficiente sistema de copiar e colar nas couch requests, ou seja, mandar a mesma mensagem padrão para todos os possíveis couches escolhidos. Tiago tem a mesma postura dos dois, não concorda com a hospedagem apenas para a economia de dinheiro.

No entanto, pergunto a Mitie:

“Em quantos couches você ficou no mochilão pela Europa?”

“Olha, fiquei pelo menos em uns dez”, disse.

“Você acha que teve alguma economia por estar nos couches?”, voltei a perguntar.

Pausa.

“É, se a gente pensar que um hostel é, pelo menos, uns 20 euros a diária. E eu fiquei em uns 10 couches por três dias em cada um mais ou menos... Nossa! Economizei bem mesmo”, respondeu surpresa.

Mitie ainda afirma que não aceita perfis de surfers sem referências, dos novatos que não estão adaptados à lógica do CS. Agnaldo já não. Ele pensa que é um serviço a ser prestado aos novos usuários da rede. “Se eu explicar pra alguém novo sobre o que é o CS, como funciona o sistema de referências e como se comportar dentro da rede, as outras pessoas que se relacionarem com ela também vão respeitar a comunidade e vai ser melhor para todo mundo”, explicou Agnaldo.

Quando já se despedia dos velhos amigos, perguntei a Tiago se existia mais alguma coisa que ele gostaria de falar. Ele hesitou um pouco, mas contou sobre o grupo “Queers Couchsurfers Brazil”. Ele lembra que nos idos de 2006 o grupo de São Paulo era muito incipiente, com festas que não lotavam um apartamento. E Tiago era o único gay da turma. Quando o grupo começou a crescer ele trouxe mais gente. A partir daí, ele se tornou um dos fundadores do grupo “Queers Couchsurfers Brazil”, um grupo do Couchsurfing para a comunidade LGBT. A denominação “Brazil” existe porque também existem grupos gays do CS nas maiores capitais do mundo todo. E todos os grupos queer do mundo pertencem ao Queer Couchsurfing, o grupo mãe de todos.

“O grupo existe porque ele facilita para os gays a conhecerem outros gays. Serve como filtro. Então, não é que a gente tenha problema em ficar em casa de pessoas ‘não gays’, mas às

vezes você quer ir pra uma balada, quer conhecer um pouco da cultura, da vivência gay do local e outra pessoa não vai poder te ajudar porque não faz parte do convívio dela”, explicou Tiago.

Com relação à moderação, o grupo deixa bem claro que a comunidade não é um site de encontros. “Nem é para namorar, as pessoas querem só sexo mesmo”, disse. Nesses casos, na própria descrição do grupo estão relacionados dois sites de procura por sexo entre os gays. “Mas a gente tem um trabalho muito grande para não usarem o grupo para sexo. Se rolar sexo, por interesse mútuo, ok. É como no CS normal. Mas não entre aqui procurando isso”, disse.

Pergunto a Tiago o que ele pensa sobre perfis que deixam a opção sexual às claras, por exemplo, uma pessoa já se apresentando como gay no CS. “Eu acho maravilhoso. Porque tem muita gente preconceituosa ainda. E se ela não quer falar com gays, que não venha para minha casa”, afirmou. Ele fala que, querendo ou não, as pessoas querem ter “experiências” quando viajam. Os homens e as mulheres também, segundo ele. “Já hospedei héteros, e me dei muito bem. Saí com eles, apresentei a cidade. Mas eu não vou ter o mesmo background que outra pessoa possa ter em saber de baladas, por exemplo. É bom você identificar a opção sexual”, completou.

O “Queers Couchsurfers Brazil” é um grupo público para usuários do CS, possui 1129 membros e existe desde março de 2007. À revelia das orientações do grupo, as principais postagens são de homens pedindo couches em determinada cidade ou de estrangeiros avisando que estão aterrissando em terras brasileiras à procura de companhia.

Situação recorrente não apenas no grupo queer, mas também com os héteros, é o fato de a beleza sobrepor o sistema de confiança que a comunidade constrói. Os bonitinhos, com fotos atraentes são mais procurados que aqueles de aparência

mais comum. No grupo Queer, muitos membros ativos não recebem tantas couch requests quanto um “cara bonitinho” que faz sucesso.

Agnaldo avisa que a opção open couch request permite esse tipo de aproximação que tem a aparência como peça central do interesse em se hospedar na casa de outra pessoa. “É legal a ideia de você ser convidado a ficar na casa das pessoas. Mas mudou o espírito. Antes, a única opção era você pedir. Agora é normal você ver o número de respostas: homem: zero; homem: zero; homem: zero; menininha bonitinha: três, quatro convites”, lamentou. No modelo antigo, o host era escolhido pelo guest, agora ele tem a opção de pescar o guest que melhor preferir.

Para ele esse novo mecanismo é um sintoma de mudança que o Couchsurfing está sofrendo depois de tornar-se uma organização que aceita lucros, a chamada Corporação B. “O Couchsurfing está caminhando para transformar a comunidade em dinheiro”, diz Agnaldo. “O perfil de embaixador não tem a mesma importância, eles quase anularam. Tiraram quase todos os poderes em moderar os grupos. Às vezes não dá nem para achar essas pessoas na comunidade. Eles estão afastando essas pessoas mais ativas, que são as que mais reclamam, diminuindo a influência deles pra tornar o CS em uma coisa mais comercial”, analisa. Agnaldo lembra que antes a hierarquia dentro da comunidade era maior, considerando vários níveis de embaixadores. Agora isso não existe mais.

Quando era moderador do “Queers Couchsurfers Brazil”, Tiago afirma que tinha dificuldades em desabilitar funções de subgrupos e deletar posts. Para realizar essas funções, o embaixador precisa enviar um e-mail para a sede do Couchsurfing no Vale do Silício, Califórnia, solicitando a execução da tarefa. Depois de análise, se aprovado o pedido, eles mesmos tomavam as providências. “Mudar o título, mudar guidelines,

colocar fotos, links de referências, tudo isso podia. Mas não podia deletar o post. A gente não tinha esse poder. Tínhamos que pedir para a pessoa apagar. Se ela não apagasse, ficava”, reclamou Tiago.

Os dois, ao final de suas falas, ressaltaram que faziam e fazem (no caso de Agnaldo) essas tarefas como trabalho voluntário, como todos os membros do Couchsurfing.

“Ah, você lembra do New Member Welcome?”, disse Tiago entusiasmado. Agnaldo disse que sim. Os dois recordaram com certa satisfação como gostavam de dar as boas vindas aos surfers de primeira viagem por meio da notificação que avisava do novo usuário.

Entre as várias lembranças, o papo de Tiago e Agnaldo desembocou em Belo Horizonte, Minas Gerais, quando participaram, em 2007, da Invasão Nacional Couchsurfing, um encontro que reúne todos os couchsurfers do país todos os anos. O evento consiste em integrações entre os membros, festas e gincanas que envolvem toda a cidade a fim de desbravá-la. Tiago deu um exemplo de atividade realizada: “Bata na casa de um estranho e peça para tirar uma foto dentro da piscina. Você ganhava pontos extras se tirasse a foto pelado. A gente mostrava a camiseta do CS e o dono da casa deixava. Do meu grupo, eu fui o único a tirar a sunga. Em outro grupo, todo mundo ficou pelado na piscina”, lembrava. Charadas a serem solucionadas e pessoas espalhadas pela cidade oferecendo experiências como, por exemplo, tomar cervejas artesanais de olhos vendados eram algumas das atividades propostas. Tudo terminou na lagoa da Pampulha, quando os pontos foram computados e os ganhadores auferiram a honra de brincar num parquinho de crianças.

A tarde se esgotava, a garoa apertava e já estávamos de saída. Tiago já havia se despedido. Agnaldo, com seu smart-

phone sempre à mão, enviou uma mensagem para o Beбето citado em muitas das histórias e o membro da primeira turma ativa a criar um grupo de Couchsurfing na cidade de São Paulo. Ele estava disponível em seu hostel no bairro da Bela Vista. Como Agnaldo me garantiu que o lugar ficava a quatro ou cinco quadras dali, concordei em ir. Ajudei Mitie com copos e potes sujos de Coca-Cola e batatas, e me despedi junto com Agnaldo.

O PRIMEIRO EMBAIXADOR: “UMA BOA FASE DA MINHA VIDA”

A caminho do Lime Time Hostel, fui conversando com Agnaldo. Ele repetia que o Couchsurfing, entre outras coisas, ajudou a deixá-lo menos acanhado. “Eu era muito tímido. Não conseguia decorar o nome de ninguém, não conseguia falar. E o CS te força a isso, né”, contou. O cientista da computação com cara de bon vivant revelou outra vantagem: conhecer a cidade de São Paulo. “Eu trabalhava embaixo do prédio do Banespa, o atual Santander, e nunca tinha subido lá. Só fui conhecer quando levei um guest pra lá”, disse. Catedral da Sé, Pátio do Colégio, Mercado Municipal. Pontos obrigatórios para um turista, mas um tanto desprezados pelos moradores da cidade.

Dos mais diferentes, aos clássicos; dos refinados aos botecos sujos. Agnaldo também se diz um frequentador da noite paulistana. Devido às organizações dos eventos, como a festa

Odisseia Etlíca, ele tem que conversar com os donos e, da maneira como fala, se satisfaz com essa relação de logística boêmia. “Esse aqui é o meu preferido”, disse apontando para o Blue Pub enquanto passávamos. “O dono desse bar é sensacional. Ele conversa com você uma vez e não esquece o seu nome e o seu drink favorito”, afirma Agnaldo. A relação dono de bar e cliente se torna menos distante ao simples mencionar de nome, assim como as conversas de CS entre estranhos, as quais Agnaldo se orgulha de se lembrar dos novos nomes a que se depara todas as semanas.

Pergunto sobre as roubadas que já teve. Uma portuguesa com “perfil de santa”, como diz ele, foi recebida por Agnaldo, chamava-se Maria João. Não tinha data para ir embora. Dizia que ia achar outro lugar para ficar em breve, mas permanecia. Ela fumava maconha nos bares que frequentavam, uma atitude que não desagradava o anfitrião desde que não seja em sua casa. “Posso levar um cara para casa?”, perguntou a moça a Agnaldo certa vez. A resposta foi negativa. Já se passava a segunda semana e a garota não dava sinais de iniciar a procura de outra casa ou de sair dali, mas Agnaldo suportava a folga. Eles foram para uma balada no bairro da Lapa e Agnaldo, após perder Maria de vista, ouviu de um outro: “Tem uma pelada na piscina?”. O banho indiscreto não incomodou tanto Agnaldo quanto ao abuso da hospitalidade que já durava mais de duas semanas. Maria João foi a primeira e única guest de Agnaldo convidada a procurar outro couch antes do esperado.

Chegávamos ao Lime Time Hostel. Na recepção ouvimos um grito de “tô aqui na cozinha” de Beбето. Agnaldo ficou olhando para uma televisão que passava slides de fotos. Por mais de um minuto ele esteve procurando a si mesmo para me mostrar a turma que o acompanhava. Dizia que as festas do CS no hostel eram clássicas e, em especial, a última da gestão de Beбето como primeiro embaixador: uma festa de pijamas.

O hostel estava bem movimentado para um sábado qualquer em São Paulo. Já era noite. Alguns viam os mapas da cidade, outros se conectavam à internet, outros jantavam. Bebeto nos cumprimentou segurando uma frigideira em outra mão. Disse que estava “tirando” os carboidratos da vida por um tempo e agora preparava um alface americano e carne de yakissoba com muito shoyu. De chinelos Havaianas, bermuda jeans e uma camiseta de estampa de traje social, mas esgarçada na gola e nas mangas, o radialista de 30 anos de idade se apresentava relaxado. A barba por fazer, os cabelos cacheados desgrenhados e o constante sorriso na cara também denunciavam sua postura despojada e simpática. Logo após a janta, ele começaria a distribuir caipirinhas grátis aos guests para aquecer o sábado à noite do hostel. Pensei que esperaria o término de sua refeição para começar a entrevista, mas Bebeto disse: “E aí, cara, pode mandar!”, falou muito alto e rápido. Assim seria quase toda a conversa de um ex-embaixador de Couchsurfing que transbordava energia até para comer alface. Imaginei que as festas por ele organizadas deveriam ser mesmo boas.

Apesar de admitir ter uma péssima memória, Bebeto conta que esteve à frente do grupo do CS de São Paulo por dois anos, de 2007 a 2009. Garante, saudoso, que foi uma “época boa” de sua vida. O campo-grandense de nascimento, mas paulistano por vivência, conheceu o CS na internet, buscando sites que falavam de como hospedar estrangeiros. Dizia que usava a rede o tempo todo. Todas as semanas, surfers do mundo todo eram recebidos na casa do pai de Bebeto. Como a casa ficava livre aos fins de semana, nada o impedia de encher o domicílio de forasteiros viajantes. “Ganhei muita bebida importada dos surfers. E fui guardando. Um dia, meu vô viu aquilo e jogou tudo fora. Sabe, uma Pacharán, tequila do México... Que dó, cara”, lamentou. Ao todo, durante os dois

anos, Bebeto recebeu 102 pessoas em sua casa pelo sistema do Couchsurfing.

Entre as minhas perguntas, Bebeto também fazia perguntas a Agnaldo que também participava da conversa.

“Como é que tá lá agora?”, perguntou Bebeto a Agnaldo.

“Ah, tá legal, cara. Os meetings... Tô organizando a Odisseia [Etílica]. Tá aparecendo um pessoal bom”, falou.

“Essa gestão do Andy parece meio nerd, você não acha? Sei lá, acho a galera do nosso tempo mais divertida”, disse Bebeto.

“Ah, é uma outra fase. Um pessoal mais tranquilo. Não tem mais tanta loucura quanto antes mesmo”, admitiu Agnaldo.

“Fico boladão, cara. Sei lá. Eu hospedei umas 100 pessoas e eu tenho menos voucher que ele, que hospedou tipo, umas cinco. Fico boladão com isso”, disse.

No que consta em seus perfis do CS, Andy Nakamura hospedou 10 pessoas e possui 113 vouchers. Bebeto recebeu 102 surfers e tem 70 vouchers.

Bebeto se refere a uma mudança de perfil do grupo. Antes, os eventos eram menos numerosos, mais festeiros e os membros que participavam do grupo hospedavam mais. Agora, pelo que pude perceber nas conversas do Cooksomething e por postagens do grupo no Facebook, poucos se dispõem a receber os surfers rotineiramente, mas se oferecem a conhecer a cidade. As festas mais loucas, por sua vez, dão espaço a programas culturais e reuniões mais tranquilas. “As relações eram mais próximas, tinha menos gente”, comentou Bebeto.

Basta lembrar que, no começo, o grupo do CS de São Paulo era pequeno, via um crescimento de usuários da rede vindo para a cidade e cada vez mais estrangeiros queriam ficar em suas casas. Em 2007, eram menos de um milhão de pessoas no mundo. Em 2013, são seis milhões. O estímulo de ver o crescimento se dar aos poucos, de conhecer mais e mais gente

através do site, fazia os membros do grupo a estarem mais abertos a uma situação nova, a conversas de grupos menores que iam crescendo. O que se vê agora, observando as falas de Roberta, Andy e Mitie, por exemplo, é que é comum cansar-se de conhecer gente. “Eu não preciso conhecer mais gente. Eu tenho um hostel, eu vejo gente nova todo dia. Eu amo, mas é foda. Eu adorava o Couchsurfing, mas uma hora você cansa mesmo, você não precisa mais ver tanta gente todo dia”, disse Beбето.

Bebeto era o porta-voz de um grupo incipiente que representava uma comunidade mundial ainda desconhecida no Brasil. Era ele que dava, por exemplo, declarações explicando o que era este site para a revista *Veja* ou para o programa “Urbano”, do canal de TV Multishow. Que, aliás, foi por meio do programa de TV, gravado em 2008, que Agnaldo se interessou pelo Couchsurfing. “Liguei no Multishow e vi o Beбето explicando sobre o site. Aí resolvi entrar”, contou Agnaldo. No vídeo, ele apresenta o famigerado sofá de seu apartamento com um francês que passava por lá na época.

Ainda engolindo sua refeição sem carboidratos, Beбето contou sobre algumas façanhas do seu tempo de membro ativo da comunidade. Ao contrário do que se pode pensar do espírito brincalhão que ostenta, Beбето garante que “sempre foi muito caxias” com relação à filosofia do Couchsurfing. Quando conto, por exemplo, que deixei meu perfil do CS inativo e ainda recebendo couch requests resultando num reply rate baixo de 14%, ele esnoba: “Você é um perfil fantasma, não conta pra gente. Eu sempre tive 100%”. Até o fim desse livro ele mantém o mesmo reply rate perfeito, além de 223 referências positivas de surfers e hosts do mundo inteiro.

Bebeto “Le Garfs” Azevedo. É assim a designação de Beбето no perfil da rede. “Garfs é contração de Garfield, o gato. Dizem que eu pareço com ele. E ‘le’ é o artigo definido em

francês colocado sem sentido aparente”, explica com o tom de ironia que segue por todo o seu perfil. Sua missão é explorar a Escandinávia. Seu grau de educação é “bem educado por minha mãe” e seu nome de Couchsurfing é “LASAGNA”. Na seção “Tipos de pessoas que gosto” ele parece ser coerente: “Pessoas felizes. Se você é divertido, ama dar risada e aproveitá-la a vida a qualquer custo, a gente vai se dar bem”.

Quando pergunto se ele já fez sexo com alguma das 102 pessoas que hospedou a resposta é não. “Primeiro porque eu respeito as regras da comunidade. Segundo porque se um cara feio que nem eu chegar numa menina que acaba de entrar em casa, vai ser abuso sexual”, brinca. No entanto, ele diz que o sexo no CS é muito comum. “Tem um cara lá no Rio, que eu não vou falar o nome, um embaixador do Couchsurfing de lá, que só hospeda mulher gata. Impressionante. E come todas porque o cara é um deus grego, altão, bonitão. Não tinha menina que recusasse”, conta. Existe até uma história, lembrada por Beбето, de uma menina que parecia muito bonita na foto do perfil e se hospedou na casa do suposto deus do Olimpo. Mas, quando se viram pela primeira vez, as expectativas da divindade helênica não foram correspondidas com relação aos padrões de beleza da garota. “É foda dizer isso, mas ele mandou ela ir embora. Teve que procurar outro couch”, disse Beбето.

Le Garfs também viajou por Couchsurfing. Peru, Argentina, Uruguai e Suécia foram alguns dos destinos. Mas é do mochilão pelos Estados Unidos que Beбето gosta de lembrar mais. A primeira hospedagem já se mostrou uma roubada quando combinara a hospedagem num sofá de uma moça de Nova York e ela o dispensou quando Beбето estava à sua porta. A alegação era de que o namorado não havia aprovado a presença dele. “Tinha até comprado a merda de uma Haiaianas pra ela, mas tudo bem. Foi melhor assim”, contou. O

restante da viagem seguiu por Filadélfia, Washington, Pittsburgh, Cleveland, Detroit, Chicago e Boston. Gozando de sua reputação no Couchsurfing, dificilmente Beбето não teria couch nas maiores capitais do mundo. E foi o que aconteceu. Sua viagem foi inteira por CS. Em Filadélfia, ele ficou numa casa de estudantes. Como descreve Beбето, uns caras “fucked up da cabeça”. “Os caras eram legais e tal, mas a casa era nojenta. Ficava semanas sem limpar. Lá eles não têm essa coisa de diarista”, lembra. Em Washington, era um pessoal muito “white”, ou seja, muito apegado à cultura americana elitista. “Lá eu tive que ter um plano A, um plano B e um plano C. Às vezes o santo vai bater, às vezes não”, conta. Em Memphis, ele recebeu convite de couch por um naturista: “peladão e no downtown da cidade não dá, né”, dizia. Agnaldo falava para ele parar de ser boring e ser mais open minded. E eu ficava impressionado com o quanto a língua inglesa se insere nas conversas dos couchsurfers.

No Alabama, um senhor de 40 anos, típico do interior do Alabama, recebeu Beбето querendo apenas companhia. “Dava pra perceber que o cara precisava disso, queria alguém pra conversar. Ele fazia questão de pagar tudo, comida, cerveja. Passamos à noite inteira conversando”, afirma. Em todos os couches em que ficou Beбето presenteava os hosts com uma camiseta do Brasil que comprou nos Estados Unidos. “Estava escrito Brasil com ‘z’, mas todo mundo gostou”, falou rindo.

Em certo momento, Agnaldo falou da portuguesa que nadou nua na piscina da balada. Beбето, que não sabia, ria da história quase pulando da cadeira. E, para a surpresa de todos, Agnaldo avisa que há um vídeo da lusa banhando-se em pelo exatamente na noite narrada. O vídeo chama-se “Peladona do gambiarra 23/08” e mostra a desenvoltura de Maria João nadando na piscina da festa Gambiarrada. Em meio a exaltações de homens e reprovações das mulheres, Maria mostra-se por

mais de três minutos dando braçadas despreocupadas com o mundo. O inusitado é que a própria faz um comentário relacionado ao vídeo:

“ Foi o melhor mergulho que dei no Brasil!!!! Soube muito bem!! MARAVILHA!!! wooww :D

Beбето, ao final da conversa, inicia um processo de reflexão sobre o que foi o Couchsurfing para ele. Realmente, ele vestia a camisa (elas existiam e existem) da comunidade. Além de pagar pela verificação de endereço na comunidade, ele já doou 25 dólares para a sede da organização e enviou bilhetes de confirmação pelo correio para endereços da América do Sul prestando serviço voluntário à rede. “Foi uma boa fase da minha vida. Foi importante para conhecer gente legal. Esquecia da faculdade, trabalho. É uma coisa meio nerd se você quer saber, viver só para isso. Mas dá saudade da galera das antigas”, reflete. Ele afirma que participar do CS foi uma forma de se tornar um bom host para comandar o seu hostel, mas frisa que a ideia de abrir o Lime Time Hostel já vinha antes da entrada na comunidade.

O proprietário está ciente das mudanças que o Couchsurfing vem passando ao longo dos anos, mas não se importa mais. Para Beбето, que se engajou tanto por promover a troca de culturas entre as pessoas, o Couchsurfing fica apenas no passado como uma fase boa da vida. O presente era o som ligado e limões esperando para serem espremidos em copos de cachaça para outros estrangeiros que Beбето conheceria naquele sábado à noite.

LA VUELTA AL MUNDO

Quando conversei com Ricardo Thaler, pela primeira vez, no evento do Cooksomething me interessei por suas atividades sustentáveis. Por ser um jovem desenvolvedor de minhocários responsáveis ambientalmente, por morar no mesmo local onde trabalha e pela curiosidade de entender como era sua participação no Couchsurfing associada a esse estilo de vida levado equilibradamente. Buscava encontrar boas histórias, a exemplo dos outros entrevistados, e encontrei. O que não esperava é que havia encontrado uma figura que, mesmo sendo um outsider do grupo Couchsurfing São Paulo e um tanto afastado dos princípios do CS, fosse representar uma outra face de usuário de Couchsurfing. Um perfil que entende que as conexões da rede vão se modificando a cada pessoa encontrada e, numa visão macro, pode-se perceber uma rede altamente mutável. Para Ricardo, a comunidade é, sobretudo, uma ferramenta de “quebra-gelo” entre os estranhos que se encontram, e depois não precisa mais estar presente com prin-

cípios estanques, mas como um símbolo da origem de onde tudo começou. E que, em certos momentos previstos pelas pessoas (ou seja, imprevisíveis), devem ser respeitados. Para o bem e para o mal. “Você não tem que desejar que as coisas sejam assim. Você tem que permitir que as coisas sejam assim”, diria Ricardo em certo momento da conversa que ocorreu no bairro da Penha, região leste de São Paulo, em sua casa.

Domingo, 10h. Numa casinha de vovó, de parede amarelinha e portão da altura do umbigo, Ricardo Thaler me atende com os mesmos chinelos que vi no Cooksomething, a mesma bermuda e uma blusa de lã grossa. O estudante de gestão ambiental me ofereceu o chá que estava tomando. Não era um chá qualquer. “Faz parte de um processo de desintoxicação alimentar. Ele vai limpar o meu organismo”, disse. Para isso, ele conta que deve tomar uma sequência definida de diferentes chás por alguns meses para que a limpeza se dê. A receita do chá da vez é: sete folhas de abacate, gengibre, erva de uva-ursi e cabelo de milho. “Começa pelos rins, depois vai limpando os outros órgãos”, afirmou ele, que se declara 98% vegetariano. Os outros dois por cento existem, pois ele diz não resistir a um peixe da mãe de tempos em tempos.

A casa parecia de avó porque realmente é. Ricardo vive numa casa que abriga uma ONG chamada S.O.Sustentabilidade – Sistemas Organizados para a Sustentabilidade, um escritório compartilhado que abriga projetos sustentáveis e funciona na lógica coworking, que consiste em compartilhar a estrutura da casa com outros projetos, mas dividindo as responsabilidades de mantê-la. Atualmente, três pessoas utilizam o espaço: um professor de yoga, Ricardo e um amigo que trabalha junto com ele com permacultura e projetos em gestão ambiental. O colega criou a ONG e a estabeleceu onde era a casa de sua avó.

Toda a estrutura da organização é feita de doações de em-

presas que acreditam no projeto. Desde as cadeiras à pintura da casa. Esses incentivos são de empresas que apostam na proposta da ONG, e muitos somente foram possíveis por causa de um prêmio que Ricardo ganhou: o prêmio de Jovens Embaixadores Ambientais promovido pela empresa Bayer e com a chancela da Organização das Nações Unidas, a ONU. O mérito deveu-se pela inovação num programa de educação ambiental baseado na produção de minhocários sustentáveis. Além do título, Ricardo foi merecedor de uma viagem ao Amazonas para aprofundar seus conhecimentos em sustentabilidade.

Ele conta que a dinâmica proposta pelo local onde trabalham toma o trabalho compartilhado como gerador de oportunidades, mas amplia os encargos. “Tudo é discutido, todos têm benefícios e obrigações compartilhadas. Custo reduzido, responsabilidade ampliada. É tudo horizontal, não tem nenhum chefe aqui. As vozes são iguais”, disse. Com as palavras-chave na ponta da língua, ele vai traçando a linha de raciocínio. Mas sempre esperando a pergunta ser completada antes de falar e respondendo com tranquilidade. Trabalhando outra característica de sua pessoa que, por sinal, tem uma expressão-chave também: comunicação não violenta.

Ele dá o exemplo de que a ONG possui um orçamento compartilhado. Ou seja, todos podem usufruir da verba da organização e também têm que arcar com os gastos dela. Se algum dos três residentes da casa fizer uma compra acima dos limites, a situação vai ser levada para discussão na reunião geral. “Eu não vou acusar ninguém. Eu falo: ‘O que você acha disso? Acha justo?’. Desde um bom tempo eu tenho treinado isso, conversar com as pessoas através da empatia. O problema das pessoas não é o dinheiro, é a maneira como elas se comunicam. Só tento trabalhar em modelos ‘ganha-ganha’. Se só eu vou ganhar então eu não vou querer. O rombo vem

depois. Eu não estou criando desigualdade. Porque ganhar em cima de alguém é ter sempre alguém puxando o seu tapete. Eu quero sentir que as pessoas estão ganhando do mesmo jeito que eu”, teoriza.

Com essa forma de trabalho que prioriza a qualidade de vida dele e dos outros envolvidos nos projetos desenvolvidos, Ricardo diz que tem um nível grande de bem-estar mesmo vivendo em uma de suas fases mais atarefadas de sua vida. Toca sete projetos, recebe um estudante de jornalismo num domingo de manhã, avisa que, após a entrevista, vai jogar handebol no Sesc Belenzinho e depois vai ler alguma coisa na biblioteca. “É o meu cotidiano. Eu não ganho muito dinheiro, mas ganho o suficiente para fazer o que eu quero. Se eu quiser viajar e ficar um ano fora, eu vou. E não é só por poder ter dinheiro, não é isso. E não é nem o caso, porque eu não tenho. Mas é a capacidade de me adaptar nos ambientes, fazer a mesma coisa que eu to fazendo aqui em qualquer lugar”, conta citando Darwin e afirmando que quem ganha na vida não são os seres mais fortes, mas os mais adaptáveis.

E Ricardo parece gostar de se adaptar a processos humanos, sejam eles lógicas de trabalho ou dos próprios indivíduos. Parece ter uma sede de aprender com as pessoas. “Sempre gostei de querer aprender, de gostar de conhecer e entender pessoas. Não de conversa superficial, de ‘ah o que você faz, de onde você é’, falar coisas de futebol... Não. Entrar numa coisa mais a fundo, os prazeres daquela pessoa, o que fazem o olho dela brilhar”, disse ele.

É aí que se torna no mínimo coerente considerar seu apreço pelo Couchsurfing. Mas não apenas como comunidade, mas como ferramenta de interação humana.

Ele não se lembra da origem das coisas que faz. Sabe que

acredita em trabalhos de gestão ambiental, mas não sabe o motivo de trabalhar exatamente com minhocas. Sabe que aprecia a lógica de conhecer gente nova por todo mundo por meio do Couchsurfing, mas não se dá conta exatamente de como encontrou o site. “Até acho interessante esse desaparego. Você não precisa saber o porquê de tudo”, comenta.

Há dois anos, Ricardo estava namorando, e sua namorada trabalhava na TAM, companhia de aviação. Por estar lá, ela recebia um mailing com promoções relâmpago de pacotes de viagens. Havia um para um feriado de quatro dias em Florianópolis, Santa Catarina. Como o casal já tinha feito viagens a sós, chamadas por Ricardo de “fugas a dois”, o gestor ambiental sugeriu à namorada que chamassem seus respectivos pais para a viagem. Eles toparam. Alugaram uma pousada e foram. Ricardo já tinha o interesse em natureza e permacultura desde então e gostaria de ir a um instituto especializado em ervas medicinais, xamanismo e permacultura em Florianópolis. Só que na programação das famílias, somente ele queria conhecer o instituto que estaria aberto a visitas apenas em dias de semana, e todos os acompanhantes de Ricardo trabalhariam na segunda-feira de manhã. Ele, que dizer sempre manejar o seu tempo para não ser dependente de rotinas, podia ficar até terça-feira na Ilha da Magia. Como não compensaria financeiramente estender por mais dois dias a estadia na pousada, Ricardo escolheu o Couchsurfing pela primeira vez. Era uma casa de um rapaz e a namorada, que disponibilizavam um chalé em construção aos fundos. “Eu não tinha noção de nada. Não sabia como era o Couchsurfing, nem do sistema de referências. Parecia que ele só tinha amigos no Couchsurfing por causa de amizades feitas fora da rede. Mas eu sempre uso um termômetro que é adicionar primeiro essas pessoas no Facebook e trocar algumas ideias. Entender o mínimo da índole dessa pessoa”, contou.

Ricardo passava o dia inteiro fora conhecendo a ilha enquanto o host trabalhava. Eles se encontravam à noite na casa e jantavam juntos. A conexão mais forte, para a surpresa dele, foi com a mãe do anfitrião, que partilhava dos mesmos interesses xamanistas de Ricardo. “Se eu voltasse para lá nem queria falar com o cara, queria falar com a mãe dele”, conta ele, rindo.

Ao final, o host pediu a contribuição de R\$ 20 por noite, já acordados antes da ida de Ricardo. “Paguei 40 contos e a gasolina pra ele me levar no aeroporto de moto. Acho justo. E não estou incluindo o fato do cara me oferecer janta todos os dias. Ele me disse que sabia que a ideia da plataforma é ser grátis, mas ele estava reformando o chalezinho para alugar. Foi um jeito interessante de começar”, avaliou.

Sua segunda experiência na rede de hospedagens grátis foi na Argentina, um país em que Ricardo tem amigos “que fazem muita diferença” para ele. Mas os contatos iniciaram-se no Brasil, logo depois da resposta positiva recebida da Universidade de Buenos Aires dizendo que cursaria Gestão Ambiental em um semestre de intercâmbio. Ainda em terras brasileiras, ele tentou já formar uma rede de contatos que poderiam ajudá-lo com hospedagem, informações sobre a cidade, sobre a universidade ou mesmo sobre yoga. A principal das plataformas de pesquisa foi o CS.

Ele já havia viajado para a Argentina com a namorada (essa sim, uma fuga a dois), mas não pôde conhecer pessoas além da área de seu hostel. O período de intercâmbio seria o momento ideal de imergir na cultura argentina e em aspectos do Couchsurfing, certo modo, incomuns. Ele iria ter na cidade de Bernal, região de Quilmes da Grande Buenos Aires, a primeira das três casas em que se hospedaria em cinco meses. Conseguiu uma boa casa dividindo com uma menina que conheceu pela rede de hospitalidade grátis. Ela ofereceu o quar-

to completo junto com a casa mobiliada e cobrou 350 pesos pelo aluguel. Ricardo aceitou e ficou apenas dois meses no imóvel devido a um problema de contrato com o dono do espaço. Voltou a tentar o CS, mas não encontrou ofertas similares. Teve que apelar para o Craigslist, endereço da web especializado em aluguéis de imóveis do mundo todo. Arranjou um apartamento em Buenos Aires por 800 pesos, caro para os parâmetros financeiros de Ricardo. “Cama ‘da hora’. Lugar bonito. Mas eu não precisava disso”, refletiu.

Aí, via mensagem do CS, uma chilena e um colombiano perguntaram se o brasileiro ainda estava procurando casa. Ricardo foi de mala e cuia. A casa era na mesma região central da capital argentina com o mesmo preço do aluguel de Bernal: 350 pesos. Maravilha. “Foi uma das minhas grandes experiências. Pelo menos uma vez por mês a gente ainda se fala”, conta.

Olhando para trás, Ricardo acredita que criou uma rede interessante de contatos via Couchsurfing e apenas uma das experiências aconteceu da maneira admitida pela missão da comunidade. Foi justamente logo após aterrissar na Argentina, quando ficou uma semana na casa de uma professora de yoga. Por mera curiosidade, Ricardo queria alguém para conversar sobre yoga. Nada de hospedagem, somente a procura por um encontro casual. Ele refinou sua busca na rede do CS pelo termo “yoga”. Após pesquisar os perfis que apresentavam essa palavra, Ricardo viu o perfil de uma menina que não tinha nenhuma referência na comunidade, não estava disponibilizando couch, mas continha a palavra “yoga” em sua descrição. Ele enviou as primeiras mensagens e a amizade começou. “Até hoje mantenho contato com ela, e foi por meio dela que conheci um amigo dela que também ficou muito amigo meu. Ele precisava pagar o aluguel em dólares e eu trocava para ele. Era uma boa”, disse.

O Couchsurfing é uma maneira a mais de chegar às pessoas, segundo Ricardo. A confiança valorizada pelo sistema faz as pessoas pularem etapas para se conhecerem e já partirem para uma fase mais avançada do encontro, em que parte a parte já depositaram sua parcela de confiança e a amizade pode fluir mais facilmente. Ele dá o exemplo: “Você, Renan, eu te conheci por causa do Couchsurfing, mas se você quiser ficar aqui em casa por algum tempo, eu vou deixar porque eu já te conheci. Não por causa do Couchsurfing. O mesmo se eu for para a sua casa... Eu te falei do meu chá de desintoxicação porque eu já te conhecia. Se fosse alguém que eu visse pela primeira vez eu ia falar que era só um chazinho”, conta.

Para ele, apesar do mesmo vínculo de origem, algumas coisas se perdem no processo humano. E tudo bem. Ricardo acredita que é essencial para uma rede ter seus princípios bem delineados, mas eles não podem ser imutáveis. Simulando a estrutura da rede como argumento, ele fala que, quando você força os pontos a fazerem o que você deseja, a rede não funciona organicamente, os pontos ficam obstruídos. O fato de trabalhar numa empresa coworking o coloca numa situação parecida. Os membros da organização dependem uns dos outros e se, por algum motivo, um se sobrepõe ao outro, o fluxo de trabalho não vai ser o mesmo se funcionassem de maneira sincronizada.

A rede instrui seus usuários para que usem o site como plataforma de compartilhamento de experiências e não apenas pedir lugares nos sofás alheios gratuitamente. O Couchsurfing também não admite encontros com o objetivo sexual. No entanto, para Ricardo, quando tratamos de pessoas, algumas posições não podem ser estagnadas. “Isso tem a ver com as intenções das pessoas. O princípio da rede é esse, mas ninguém tem que ser forçado a seguir o princípio. Quando os pontos da rede estão com os princípios estruturados, eles per-

mitem que o funcionamento aconteça de uma certa maneira. Se vem um ponto zoadado, a própria rede já mostra que ele não tem nada a ver. Não precisa excluir essa pessoa, a própria rede já pode fazer isso”, explica.

De dentro da rede, o exemplo que Ricardo dá é de uma experiência no Couchsurfing com um húngaro, na Argentina, que ficou hospedado na casa dele quando morava com a chilena e o colombiano. Seja por herança cultural ou falta de educação, o húngaro era grosso. Não pedia “por favor”, dava ordens. Isso somado a não se esforçar em falar espanhol. Ele falava o inglês, língua que os três da casa pouco dominavam. Um dia, ele pediu a bicicleta da host chilena emprestada: “quero a bicicleta”. Ela achou graça da indelicadeza do rapaz, mas emprestou a bike, mesmo tendo que ir de ônibus para a faculdade. O ogro húngaro pedalou por 10 minutos e voltou para a casa. Outra situação embaraçosa foi quando o mesmo rude rapaz cuspiu uma empanada que o colombiano havia preparado para todos sob a queixa de que não gostava de azeitonas. Mesmo com a experiência um tanto insatisfatória, a referência dada pela chilena ao húngaro no CS foi positiva, com receio da retaliação com outra referência negativa. Em outra casa, ainda na Argentina, o troglodita assediou uma menina apertando seus seios. Aí sim, as duas meninas colocaram referências negativas a ele. A que teve a intimidade invadida fisicamente concedeu-lhe a sutil mensagem: “el hijo de mi puta”. “Acho que ele sumiu como ponto na rede. Salvo as pessoas que não são prevenidas de não ver as referências, ele vai ser excluído naturalmente”, disse Ricardo.

Mas não miremos as exceções, como diria Fabrício. Ricardo aponta três situações com pessoas diferentes que mudaram sua vida em função da rede do Couchsurfing. Experiências

vindas de uma catalã, uma carioca e três franceses.

Liz, catalã, hospedou-se na casa de Ricardo por duas semanas. A primeira semana estava firmada, a segunda foi estendida por conta da afinidade dos dois. “Eu tenho ela como uma das pessoas mais queridas de minha vida”, conta ele. Depois eles se viram no Rio de Janeiro, quando Liz estava alugando um quarto num hostel no Morro do Chapéu Mangueira e, no quarto de dentro do hostel, ela recebeu Ricardo. “Cinco minutos da praia do Leme e quinze minutos para voltar. Porque aquele morro, cara... Mas imagina: um paulistão com uma catalã no Rio. Uma experiência incrível, carinho gigante. Tenho a certeza e a não pressa de que vou ver ela na minha vida. Vai ser especial da maneira que for. Do mesmo jeito que foi pelo Couchsurfing. Muito pouco tempo e uma conexão muito forte”, lembrou. Em um momento que Ricardo relembra com brilhos nos olhos e conta: “Foi uma coisa que me marcou muito. A energia que a Liz tinha. Embaixo de um túnel grande do rio, no ônibus, ela colocou em mim o fone que ela tava usando. A música era da banda Calle 13, ‘La Vuelta Al Mundo’. Eu nunca tinha escutado e aquilo fez todo o sentido do mundo. A letra, a conexão do Couchsurfing e o que o Rio representa como cidade global. E, cara, uma banda porto-riquenha vinda de uma catalã no Rio! Foi um êxtase, uma sinergia. Bum”.

EU ESPERO QUE MINHA BOCA NUNCA SE CALE/TAMBÉM ESPERO QUE AS TURBINAS DESTE AVIÃO/NUNCA FALHEM/NÃO TENHO TUDO CALCULADO/NEM MINHA VIDA RESOLVIDA/SÓ TENHO UM SORRISO/E ESPERO OUTRO DE VOLTA. LA VUELTA AL MUNDO, CALLE 13

Fernanda é a carioca. Ela salvou Ricardo de um carnaval sozinho com intoxicação estomacal. A parada do paulistano no Rio era estratégica para encontrar uma turma que ia até Vitória, Espírito Santo. Ricardo mandou várias couch requests,

mas no Carnaval os couches do Rio ficam lotados. Ao fim das dezenas de mensagens, escreveu: “Se vir isso, mande mensagem para esse número que estarei jogado na rodoviária”. E ele estava mesmo. Deu um “tour no busão municipal” para conhecer um pouco a cidade e, estirado no banco da rodoviária, Fernanda enviou-lhe um SMS convidando-o para passar uma noite em sua casa. Na mesma noite eles foram ao bloquinho de carnaval da Praia do Leme e no dia seguinte, quando Ricardo já se despedia e Fernanda disse: “Fica aiiii, guriiii!”. Ricardo cancelou sua viagem para o Espírito Santo e passou o Carnaval por ali mesmo.

“A gente pegou o trem da zona leste cheio. Eu nunca tinha pegado o trem tão cheio quanto aquela vez. A porta chegava a não abrir por causa da pressão das pessoas”, falou Ricardo contando a história dos três franceses que se hospedaram em sua casa. O trio de estudantes de arquitetura veio para a casa de Ricardo não apenas para um turismo comum a São Paulo, vieram com o propósito de conhecer os projetos que Ricardo mantinha junto a sua ONG.

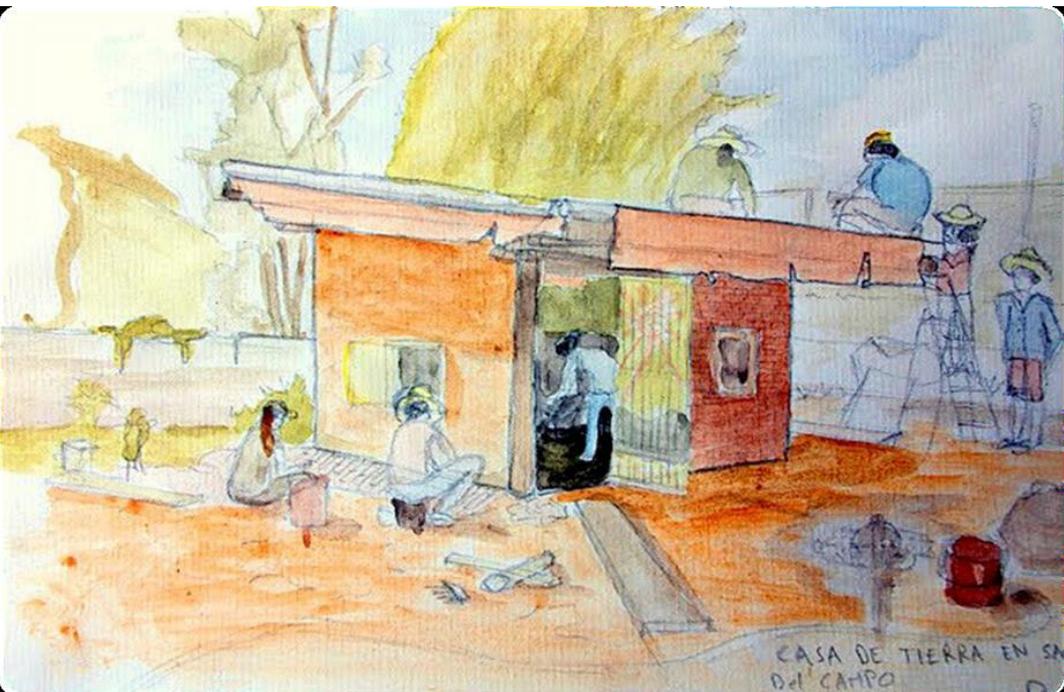
Depois do aperto do metrô, os garotos queriam botar a mão na massa. Foram ver uma aula de educação ambiental que Ricardo lecionaria: uma oficina de horta em espiral em uma comunidade da Penha próxima à ONG onde estavam hospedados. As crianças perguntavam os nomes das plantas em francês e eles respondiam. Elas adoravam. O curioso é que o francês que menos falava espanhol era o que mais se comunicava com as crianças. Sem falar nada. Apenas com desenhos das plantas feitos a várias mãos. “Eu me preenchia muito desse tipo de energia. Interagir com o mundo sem sair do meu mundo e poder proporcionar uma interação que elas não teriam. São por essas coisas que o dar e receber tem o

mesmo peso... Na vida e no Couchsurfing também”, disse ele.

No fim de semana, a turma foi para São José dos Campos, no bairro dos Freitas, ajudar num projeto que Ricardo participava: a construção de uma casa de barro com telhado verde. O verde não é da cor, mas do significado sustentável. É projetado um sistema que deve escoar a água para que se possam irrigar a terra, o adubo e plantas sobre o telhado. “Os caras piraram”, segundo Ricardo. Principalmente com a sensação de se sentirem parte de um grupo de 15 pessoas trabalhando juntos, na mesma toada, com o mesmo esforço e a mesma gratidão. “Foi a primeira vez que eu recebi pessoas no Couchsurfing”, conta. E a casa foi construída.

Um dos franceses e Liz enviaram depoimentos de suas experiências com os projetos de permacultura de Ricardo que fizeram parte da apresentação que ganhou o prêmio de Jovens Embaixadores Ambientais com a chancela da ONU.

“Os caras até fizeram um desenho daquela casa, em aquarela, como agradecimento. Eles desenharam muito bem. Putz, ia ser muito legal de colocar no seu livro! Se você quiser, é claro...”



CASA DE TIERRA EN SAN
DEL CAMPO

Este livro é uma coleção de encontros em forma de histórias. A seleção de algumas falas, ênfases em certos conceitos e a curadoria de informações tentou responder as perguntas: quem são essas pessoas que abrem suas casas para estranhos? Eles são estranhos? Por que conhecer gente de outros países? Por que usar um site para conhecer novas pessoas?

Para mim, uma maneira mais direta de apreender as informações deste livro é entender o valor da experiência do encontro para essas pessoas. Mesmo que possa ter significados dos mais variados, como oportunidades para sexo fortuito, conversas que mudam a vida ou dividir uma cerveja, essas pessoas querem ter a sensação única do primeiro encontro, que só existe inevitavelmente naquele imponderável momento. E usam o Couchsurfing como ferramenta de interação para isso, seja organizando eventos ou hospedando e viajando.

Lembre-se da primeira conversa com seu melhor amigo. Ou das primeiras palavras com seu futuro amor. Ou de uma frase boba com aquela pessoa que você só viu uma vez e te marcou para sempre. Os personagens deste livro buscam novos encontros para se tornarem novas pessoas, para terem sentimentos nunca antes sentidos. É claro que a busca nem sempre é bem-sucedida a ponto da plenitude, mas o prosaico regalo de um coador de café, um frango ao curry, um desenho em aquarela, uma história contada ou um sorriso podem formar novos significados para as vidas das pessoas deste livro e deste autor.

